

**Universidade Brasil  
Curso de Pedagogia  
Campus Descalvado**

**BRUNA HELENA PRATA  
REGINA IRENE SOARES**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL: OS DESAFIOS NO CONTEXTO ESCOLAR**

**SEXUAL ORIENTATION: CHALLENGES IN THE SCHOOL  
CONTEXT**

**Descalvado, SP**

**2017**

Bruna Helena Prata  
Regina Irene Soares

ORIENTAÇÃO SEXUAL: OS DESAFIOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Esp. Rosa Maria Gasparini Nazar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Brasil, como complementação dos créditos necessários para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Descalvado, SP

2017

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste TCC, por processos xerográficos ou eletrônicos.

Prata, Bruna Helena  
P924o      Orientação sexual: os desafios no contexto escolar / Bruna Helena Prata, Regina Irene Soares. -- Descalvado: [s.n.], 2017.  
65f. : il. ; 29,5cm.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Brasil, como complementação dos créditos necessários para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Esp. Rosa Maria Gasparini Nazar

1. Orientação sexual. 2. Corpo. 3. Diferenças/gêneros.  
Trabalho docente. I. Soares, Regina Irene. II. Título.

CDD 372.372

Assinatura do aluno:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Universidade Brasil  
Curso de Pedagogia  
Campus Descalvado

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Orientação sexual: os desafios no contexto escolar

Autores: Bruna Helena Prata

Regina Irene Soares

Orientador: Rosa Maria Gasparini Nazar

Esta monografia atendeu aos critérios de avaliação estabelecidos, sendo considerada suficiente para aprovação e obtenção do diploma do curso de Pedagogia pela Universidade Brasil.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Rosa Maria Gasparini Nazar

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Fernanda Scrocchio Lourenção

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Marco Antônio Pratta

Descalvado, SP

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Dedicamos a nossa orientadora e coordenadora do curso, Rosa Maria Gasparini Nazar. Com quem criamos um vínculo muito mais forte do que somente um relacionamento professor/aluno, construímos uma grande amizade!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é sinal de que para se percorrer um caminho há necessidade de termos companhias, sejam elas ajudantes diretas ou indiretamente.

Família é algo indispensável em qualquer momento da vida, porém existem aqueles que precisamos um pouco mais da ajuda de cada um, então, não só agradeço, mas também dedico esta vitória à minha amada mãe Luci, a qual nunca duvidou da minha capacidade e às minhas tias tão queridas, Mércia e Helena as quais sempre me deram apoio e acompanharam minha caminhada.

E por último, mas nunca menos importante, agradeço minha namorada Marcela, por toda paciência com minha ausência e momentos de nervosismo. Dela sempre vinham os incentivos e o apoio moral para continuar com a cabeça erguida e não desistir. A ela devo a minha eterna gratidão pela pessoa que me tornei.

Meu eterno agradecimento a todas vocês!

**Bruna Helena Prata**

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Agradeço também ao meu esposo, Rogério, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades; quero agradecer também aos meus pais que de forma grata e grandiosa quem eu rogo todas as noites a minha existência. Socorro, Manoel, Margarete e Expedito que me acompanharam nessa longa jornada.

À professora e coordenadora do curso e orientadora do tema, Rosa Maria Gasparini Nazar, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade. A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

**Regina Irene Soares**

## **ORIENTAÇÃO SEXUAL: OS DESAFIOS NO CONTEXTO ESCOLAR**

### **RESUMO**

O presente trabalho bibliográfico visa esclarecer assuntos sobre orientação sexual de forma que a criança possa compreender o funcionamento do seu corpo e conheça as diferenças de gêneros. Que ela possa também ter informações básicas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e aprenda de maneira adequada. A sexualidade está presente nas mais variadas fases da vida e se manifesta de formas diferentes, então, há necessidade de se trabalhar assuntos do tema dentro do contexto escolar, pois é nessa fase que surgem curiosidades nas crianças. Sendo assim, qual o melhor lugar para se tirar dúvidas e aprender se não na escola, que é onde elas passam várias horas do dia? O objetivo maior é aprofundar no trabalho docente escolar a temática sexualidade, visto que o assunto não é muito falado em sala de aula. O trabalho foi realizado numa abordagem explicativa, qualitativa e bibliográfica, no qual levantamos os dados históricos. Foram feitas comparações da sexualidade na atualidade após os estudos freudianos e apontamos dificuldades, bem como as possíveis soluções para se trabalhar o tema em sala de aula, tendo como prioridade o 5º ano do Ensino Fundamental.

**Palavras-chaves:** orientação sexual, corpo, diferenças/gêneros, trabalho docente.



**SEXUAL ORIENTATION: CHALLENGES IN THE SCHOOL  
CONTEXT  
ABSTRACT**

The present bibliographic work aims to clarify subjects about sexual orientation so that the child can understand the functioning of his body and know the differences of genres. May she also have basic information about STD prevention and learn in an appropriate way what they often learn wrong by not having good guidance at home. Sexuality is present in the most varied phases of life and manifests itself in different ways, so there is a need to work on subjects of the theme within the school context, because it is at this stage that curiosities in children appear. So, what is the best place to ask questions and learn if not at school, where do they spend several hours of the day? The main objective is to deepen in school teaching work the theme of sexuality, since the subject is not much talked about in the classroom. The work was carried out in an explanatory, qualitative and bibliographical approach, in which we raised the historical data, made comparisons of sexuality in the present time after the Freudian studies and pointed out difficulties as well as the possible solutions to work the theme in the classroom, having as prior to the 5th year of elementary school.

**Keywords:** sexual orientation, body, differences / genres, teaching work.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 .....	13
O RESGATE HISTÓRICO DA SEXUALIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	13
1.1 Marcadores históricos da sexualidade .....	13
1.2 A sexualidade segundo a teoria de Freud .....	19
1.2.1 Fase Oral da sexualidade infantil.....	20
1.2.2 Fase Anal da sexualidade infantil.....	23
1.2.3 Fase Fálica da sexualidade infantil.....	23
1.2.4 Período de Latência .....	26
1.2.5 Fase Genital .....	26
CAPÍTULO 2 .....	28
A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL PÓS ESTUDOS FREUDIANOS .....	28
2.1 A sexualidade infantil na escola .....	30
2.2 A sexualidade na concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais .....	35
CAPÍTULO 3 .....	40
ORIENTAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR E A PREPARAÇÃO DO DOCENTE .....	40
3.1 Principais dificuldades enfrentadas pelos professores na abordagem da sexualidade na sala de aula.....	40
3.2 Sexualidade como construção histórica no contexto social escolar .....	41
3.3 A contribuição da escola como orientadora na construção das identidades sexuais .....	44
3.4 Relação Família e Escola no Processo de Orientação Sexual da Criança .....	46
3.5 A influência da família na construção da sexualidade .....	48
3.6 O papel do gestor escolar no trabalho de orientação sexual.....	51
3.7 A preparação docente .....	54
CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS .....	63

## INTRODUÇÃO

Frequentemente o tema Orientação Sexual, por ser considerado um assunto constrangedor, é também considerado tabu e as pessoas preferem não tratar do assunto com crianças. Assim muitas acabam obtendo informações erradas ou distorcidas com relação a sexualidade, seja em seu grupo de amigos ou escola. Mas, é importante informar e ensinar a criança e o adolescente, para que alguns males, tanto na saúde física quanto na saúde mental, sejam evitados, já que a sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações.

A presença de manifestações e desejos sexuais em crianças, desde a primeira infância, foi uma das mais importantes polêmicas levantadas por Sigmund Freud, o pai da psicanálise, há quase um século. A partir de então os estudos sobre o tema não pararam e, hoje em dia, a educação sexual ocupa espaços nas escolas, inclusive fazendo parte dos temas transversais e é assunto abordado por muitas famílias.

É importante ressaltar que a terminologia educação sexual engloba toda e qualquer informação que o indivíduo recebe no decorrer de toda sua vida. Enquanto orientação sexual é o que compete sua aprendizagem dentro do contexto escolar.

Freud (2006) diz que a sexualidade nos acompanha desde o nascimento até a morte e chocou a sociedade de sua época ao falar sobre o assunto quando todos acreditavam que nesta faixa etária não existia sexualidade. Houve poucos avanços desde que Freud escreveu sua teoria. Nas suas pesquisas ele vai contra a noção clássica de que a sexualidade surge no indivíduo na puberdade e afirma que surge desde o nascimento. Enquanto a noção clássica defende que a sexualidade é algo do instinto do ser humano, Freud defende que não é por instinto, pois o homem procura o prazer através de diversas formas e não apenas nos desejos manifestados.

A Lei de Diretrizes e Bases, da Educação Nacional LDBEN nº 9.394/96, estabelece os princípios que regulam a educação nacional. Com base na Constituição Federal de 1988, na qual, a educação é prevista como um direito fundamental (art. 6º), a promulgação da Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 é resultado da luta dos movimentos sociais vivenciados no país no período da redemocratização. A LDBEN institui no título II, Art. 2º: “Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Nesse sentido, as instituições escolares na perspectiva de construção de uma sociedade democrática assumem os compromissos firmados na legislação, na tarefa de garantir a formação em habilidades intelectuais e promover o ensino de temas ligados ao exercício da cidadania. A escola não pode limitar a aprendizagem, portanto, tem o grande desafio de contemplar elementos provenientes de novas demandas, sobretudo em questões de gênero e orientação sexual, visando os direitos firmados em leis nacionais.

A pesquisa em questão pretende discutir como se trabalhar a sexualidade com as crianças, de forma que seja um assunto que elas consigam conviver normalmente, algo que faz e fará parte da vida constantemente, não como algo vergonhoso que não deve ser dialogado ou até mesmo exposto. Dar a oportunidade para que elas tenham em sala de aula o que muitas vezes não encontram em casa, ou seja, uma orientação desprovida de tabus ou preconceitos. Para tanto, o professor tem o respaldo da Legislação através de publicações elaboradas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e de Órgãos Estaduais e Municipais que são o fundamento teórico e didático-metodológico para a utilização na evolução dos conteúdos programáticos a serem desenvolvidos em cada fase do crescimento da criança de acordo com sua faixa etária. Fazer assim com que elas entendam a diferença entre os sexos e o porquê delas existirem.

De maneira geral, as pessoas tem dificuldade em falar sobre sexualidade com seus filhos, por esse motivo percebe-se a necessidade de pesquisar sobre a importância da Educação Sexual na formação da criança. A escola também se depara com situações nas quais as crianças expõem suas curiosidades e é necessário que o profissional envolvido no momento, no caso o docente, esteja preparado da melhor forma para tratar com a situação. Sendo assim, é necessário que se tenha uma visão das experiências vividas pelos alunos, para conseguir desenvolver um trabalho de forma adequada.

De acordo com Brasil (1998, p.24), “a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura”. O presente trabalho visa contribuir na amplificação da formação do professor, servindo como suporte para tratar o tema com mais facilidade em sala de aula, sendo também uma ferramenta facilitadora na relação entre pais e filhos.

Este trabalho tem como objetivo esclarecer dúvidas de como tratar o assunto sexualidade no ambiente escolar, de maneira clara e conscientizadora, de modo que seja um apoio para os educadores e famílias, para que possam saber como tratar o assunto sem ser constrangedor. Assim teremos crianças e adolescentes mais orientados e conscientizados em suas ações, podendo evitar acontecimentos indesejados.

A princípio serão levantados dados bibliográficos em livros, dissertações, artigos científicos e sites da internet, tais como google acadêmico, cielo e outros. Levantaremos dados históricos, esclarecendo o início dos estudos sobre o tema escolhido: Sexualidade na Infância. Serão feitas comparações através dos estudos de Freud sobre as fases da criança. Em seguida serão levantados dados sobre como as pessoas costumam agir quando se trata do assunto, as curiosidades, dúvidas e problemas.

Durante os estudos, será elaborada a maneira mais simples e direta de conversar com as crianças sobre a sexualidade, orientando da melhor forma possível para que seja um assunto que faça parte do dia-a-dia como um todo e não somente algo restrito e de difícil diálogo. Fazendo assim, com que o assunto sexualidade, faça parte dos conhecimentos transmitidos em sala de aula. O trabalho será desenvolvido sobre a ótica de uma abordagem descritiva, qualitativa e bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza, segundo Severino (2007), a partir do: [...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

O presente trabalho será elaborado em três capítulos, sendo o primeiro: O resgate histórico da sexualidade através dos tempos; o segundo: A construção da sexualidade infantil pós estudos freudianos; o terceiro: Orientação sexual no contexto escolar e a preparação do docente.

Este estudo contribuirá para que o educador possa ampliar seus conhecimentos sobre o assunto abordado e levar como objetivo para que possam identificar as curiosidades e problemas vividos pelas crianças com relação à sexualidade, pois nessa faixa etária as diferenças entre os sexos se tornam mais concretas, despertando o interesse no outro. Orientar também quanto a saúde e higiene corporal, pois nessa faixa etária ocorrem mudanças no corpo, gerando a necessidade de mais cuidados e ressaltar de forma bem clara as diferenças entre os sexos e o porquê elas existem e esclarecer suas dúvidas sobre o assunto.

## **CAPÍTULO 1**

# **O RESGATE HISTÓRICO DA SEXUALIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS**

A sexualidade é algo amplo, que envolve fatores sociais e emocionais, visto que o comportamento de cada indivíduo influencia em seu meio de convivência. A mesma se estabelece por meio das relações com o ambiente e com o outro, transformando-se em algo particular e único em cada indivíduo. Ao compreender que as relações sociais influenciam direta e indiretamente nas ações estabelecidas pelo sujeito, é interessante visualizar a sexualidade dentro dos diversos contextos históricos, pelo qual perpassou a sociedade, a fim de compreender as influências deixadas para a sua constituição atual.

Sobre tal conceito Figueiró esclarece que a

Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual (2006, p.2).

O comportamento sexual de cada indivíduo vai muito além do que somente o ato sexual em si, ele está presente nas mais variadas formas a todo momento no dia a dia. Como nos mostra o autor, a sexualidade faz parte da cultura de cada um, sendo assim levantamos dados históricos da sexualidade humana.

### **1.1 Marcadores históricos da sexualidade**

A sexualidade, dentro da história da humanidade, é marcada por intensas mudanças influenciadas pelas percepções e pensamentos que norteiam diferentes concepções que vão surgindo a partir dos diversos contextos culturais, econômicos, políticos e religiosos.

Devido a tais pontos, é necessário perceber a sexualidade em sua totalidade histórica e social; de forma que venha a desconstruir qualquer visão distorcida que possam surgir sobre o assunto. Por isso, torna-se indispensável a busca da compreensão da constituição da sexualidade, dentro do contexto social, de uma forma ampla, verificando as raízes de tais visões e como a mesma modificou-se ao longo do tempo, para posteriormente entender os aspectos da sexualidade que esta presente na sociedade contemporânea.

Há na atualidade diferentes perspectivas de análise da sexualidade humana e cada qual possui maneiras diversas de observar tal fenômeno, o que implica em diferentes posições a respeito da sexualidade, entendendo que este é um tema complexo e que envolve diversas estruturas sociais.

Os primeiros vestígios da sexualidade humana aparecem, inicialmente, no período Paleolítico<sup>1</sup>, em que as formas de manifestação são diversas, desde pinturas e gravuras nas cavernas até esculturas contemplando o corpo feminino, principalmente as partes íntimas da mulher. Tais aspectos indicam exaltação à fertilidade, como ressalta Nunes (2006, p.52), “a representação simbólica desses cultos manifestava-se pela veneração das partes sexuais femininas, mais especificamente a vagina, representada por um triângulo”.

Percebe-se que neste período, a sexualidade é marcada por um caráter mítico, em que se cultua a fertilidade feminina. Verifica-se que as comunidades são comandadas pelas mulheres, encarregadas de executarem as atividades, que garantiam a sobrevivência dos membros, sendo este período é denominado de matriarcalismo<sup>2</sup>. Nesta época, a sexualidade e o ato sexual eram vistos com naturalidade pelos indivíduos, como fonte de prazer e satisfação física, tanto para a mulher quanto para o homem. Assim, verifica-se a semelhança com os animais, que executam o ato sexual para que haja a satisfação e a procriação. Percebe-se, a partir de tal afirmação, que neste período não é dado um valor substancial aos elementos emocionais e pessoais envolvidos na relação sexual (NUNES, 2006).

Ao final do período paleolítico, devido a percepção do conforto e segurança provocados pela vida na caverna, outro aspecto é percebido. A segurança e a estabilidade causados por esse tipo de abrigo influenciaram a estrutura interna das tribos. As condições de frio eram adequadas às caças maiores, sendo necessário um empreendimento em cooperação, surgindo daí as negociações entre as mesmas. Esse contato intertribal colocou um ponto final em todos os relacionamentos incestuosos, pois a união sempre dentro de um grupo social tornava inevitável a consanguinidade, na qual o incesto surgia como o primeiro tabu da humanidade.

Este ponto é bastante significativo quando se trata do tema sexualidade, uma vez que ao perceber a origem da união conjugal, pode-se verificar o início do grupo social. Posteriormente, percebe-se que esta forma de poder matriarcal se modifica no período

---

<sup>1</sup> O Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada refere-se ao período da pré-história que começou há cerca de 2,5 milhões de anos, quando os antepassados do Homem começaram a produzir os primeiros artefatos em pedra lascada.

<sup>2</sup> Termo aplicado às formas gineocráticas de sociedade, nas quais o papel de liderança e poder é exercido pela mulher e especialmente pelas mães de uma comunidade.

Neolítico<sup>3</sup>, pois a função do homem passa a ser de pai ou chefe, devido ao domínio dos meios de produção. Com este poder centralizado na figura masculina, ocorre a formação de exércitos para defender as propriedades de terra, recentemente delimitadas, após a sedentarização dos indivíduos. Além disso, formam-se o poder real e a religião (NUNES, 2006).

A mulher neste período é entendida como propriedade do homem, semelhante aos animais que o mesmo possuía. Pelo fato da estrutura social ser monogâmica, a taxa de natalidade aumentou substancialmente, o que favorecia a mão de obra na lavoura. Passada essa época, com a formação do povo Hebreu, a visão a respeito da sexualidade modificou-se, pois os hebreus destinavam o sexo à procriação dos filhos, que era uma tarefa destinada por Deus. Feliz o homem cuja família era numerosa. Era sábio ter filhos, logo, a relação sexual tornava-se bem vista. O aborto era crime, pois evitando-se que um filho homem fosse trazido ao mundo, estaria sendo negado ao pai o direito de sobreviver através do filho.

Para os Hebreus, a linhagem familiar era muito importante, o que garantia a existência do povo. Por esses valores, o filho homem era vangloriado e as mulheres sofriam discriminação, pois os mesmos acreditavam que elas, ofereciam a seus pais apenas prejuízos, devido aos altos dotes que os pais deveriam pagar quando suas filhas casassem.

Com às diversas transformações em relação ao processo civilizador, a forma de compreender a sexualidade se modifica. A alternância de papéis leva a sociedade a produzir uma visão da sexualidade, como forma de controlar e submeter a população as normas e aos costumes edificadas.

Esta característica é percebida dentre os gregos, uma vez que o forte modelo patriarcal predomina nesta cultura; como é possível observar quando se coloca que:

A sexualidade está em sua cultura misturada com seus deuses, sua religião e seus conhecimentos [...] a sexualidade grega envolvia a submissão da mulher, a exclusividade dos homens nos jogos e nas festas, na vida militar e administrativa [...]. A mulher pertencia ao marido e estava proibida de ter outras relações sexuais, mas o marido era livre e senhor de sua conduta, não havia sanções sociais que o impedissem de ter outras relações hétero ou homossexuais fora da sua casa (NUNES, 2006, p.70 - 71).

Assim, pode-se verificar mudanças significativas no decorrer do tempo, uma vez, que inicialmente a sexualidade, dentro do período Paleolítico, é percebida como algo mítico, na qual há exaltação a mulher e cultos à fertilidade feminina, porém no período Neolítico, assim

---

<sup>3</sup> Neolítico (*pedra nova*) ou Período da Pedra Polida é o período histórico que vai aproximadamente do décimo milênio a.C., com o início da sedentarização e surgimento da agricultura, ao terceiro milênio a.C., dando lugar à Idade dos Metais.



como na cultura grega, onde o patriarcalismo predominou, a mulher é desvalorizada e a sexualidade voltava-se para o caráter religioso. Também não há repressões em relação à expressão da sexualidade masculina, tendo o homem liberdade dentro ou fora do casamento, podendo manter relações com outras mulheres e homens.

Percebe-se, desse modo, que neste período a mulher era vista como propriedade do senhor, semelhante a qualquer outro bem que o mesmo possuía. Torna-se interessante destacar também que o sexo feminino não possuía voz nem vez, sendo totalmente submisso a vontade do marido ou de seu pai. Com o decorrer do tempo e a transformação da humanidade, a visão sobre a sexualidade também foi modificada, em decorrência de novos padrões sociais.

Já na Idade Média, observa-se que o pensamento da Igreja predominava, ditando regras a serem cumpridas, por isso toda a sociedade é levada a observar a sexualidade por meio da ideologia transmitida pela Igreja; esta entendia a sexualidade como pecado, ou seja, havia uma visão negativa da mesma, carregada por um moralismo religioso. Outro aspecto apresentado, que mostra tal caráter repressor, é a forma com que pessoas que expressavam a sua sexualidade eram punidas. Determinados indivíduos pegos em pecado tinham suas partes íntimas queimadas ou eram enforcados (NUNES, 2006).

Nos ensinamentos dos Santos Padres da Igreja começa a tomar corpo uma moral sexual rígida e profundamente negativa, com características de exaltação da continência do celibato e repulsão de todo sexo, submissão da mulher e do corpo. Santo Agostinho<sup>4</sup> também disserta a respeito do sexo, entendido como algo que possui um único fim - a procriação. Segundo Nunes (2006), ele é totalmente contra qualquer tipo de expressão sexual. O sexo deveria ser voltado apenas para a procriação, condenava qualquer forma de anticoncepção, até mesmo quando exercida dentro do matrimônio. Verifica-se que a Idade Média é um período no qual a sexualidade sofre grande repressão, vinda principalmente dos ideais propostos pela Igreja. Entretanto, é preciso se reportar à época vivida pela humanidade, pois não se pode julgar os valores desencadeados, uma vez que há relativas diferenças existentes entre o pensamento atual e o período descrito, entendendo que a cultura e os valores sociais são modificados em cada período.

---

<sup>4</sup>Agostinho de Hipona (em latim: *Aurelius Augustinus Hipponensis*), conhecido universalmente como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental.

Os movimentos de Reforma<sup>5</sup> e Contra Reforma<sup>6</sup>, representam significativas mudanças em relação ao pensamento estabelecido no período medieval. A tentativa de superação do poder exercido pela Igreja Católica provoca a desestruturação do feudalismo, ao mesmo tempo em que forma-se uma nova classe social: a burguesia. Com tais movimentos inicia-se a Idade Moderna que busca a desconstrução dos argumentos propostos pela Igreja. “O mundo moderno que surge é um mundo profano, crítico, liberal, que elege a razão como nova forma de compreensão do mundo rejeitando a fé e os dogmas medievais” (NUNES, 2000, p. 91)<sup>7</sup>.

Apesar da Reforma Protestante, proposta por Martinho Lutero<sup>8</sup>, o pensamento a respeito da sexualidade não é modificado, ou seja, a base no pensamento agostiniano ainda permanece com ênfase bastante intensa. Agora com a intencionalidade de regular o capitalismo e fazer com que a mão-de-obra poupe força e faça o capital ampliar-se, sendo assim praticar sexo esgotava a energia para trabalhar. “O sexo é o grande inimigo do trabalho, agora a nova forma de compreender o homem” (NUNES)<sup>9</sup>. No início da modernidade, a repressão sexual existente aumentou, propondo diferentes formas de controle da população, no nível moral, a expressão sexual é condenada e considerada como anomalia que deveria ser combatida. O autor referenciado explicita muito bem o pensamento moderno, que acordo com ele,

O sexo é reduzido ao privado e com fim procriativo. À concepção de racionalidade e eficiência burguesa soma-se a produtividade. O sexo subjetivo, humano, prazeroso desaparece. O corpo é negado no trabalho e na repressão sexual. O “eu” corporal não existe; existem, sim, a civilidade e a máscara social. Sobre o sexo nasce a cultura da vergonha e do pecado em níveis tão profundos que nem mesmo a Idade Média tinha conseguido (NUNES, grifo do autor).<sup>10</sup>

A citação sintetiza a consciência sexual presente no início do mundo moderno. Enfatiza a forte repressão sofrida, com níveis mais altos do que os percebidos durante o período medieval; este dado é bastante interessante, pois o capitalismo apropria-se de um

---

<sup>5</sup>A reforma protestante foi o movimento de renovação da Igreja liderado por Martinho Lutero. Ocorreu no século XVI e teve início na Europa Central. A reforma protestante foi responsável pela criação de várias igrejas, sendo que todas elas se declararam fora da autoridade do Papa.

<sup>6</sup>Contra-Reforma, que ficou também conhecida por Reforma Católica, é o nome dado ao movimento que surgiu no seio da Igreja Católica a partir de 1545, e que, segundo alguns autores, teria sido uma resposta à Reforma Protestante (de 1517) iniciada por Lutero.

<sup>7</sup>NUNES, S. A. , *O Corpo do Diabo: entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>8</sup>Martinho Lutero, em alemão: Martin Luther (Eisleben, 10 de novembro de 1483 — Eisleben, 18 de fevereiro de 1546), foi um monge agostiniano e professor de teologia germânico que tornou-se uma das figuras centrais da Reforma Protestante.

<sup>9</sup>NUNES, op. cit., p. 92.

<sup>10</sup>Ibid., p. 93.

controle estabelecido anteriormente pela Igreja, para dominar os indivíduos a fim de garanti-los como mão-de-obra barata nas indústrias. Ainda, segundo Nunes

De diversas formas explodem os movimentos de contestação [...] em todos esses movimentos estava presente a libertação sexual, que era símbolo e matriz de outras liberdades exigidas (2006, p. 78).

Neste sentido, todo este contexto começa a sofrer modificações com a intervenção de dois meios; de um lado, a medicina, que por meio de estudos científicos reconfigura o pensamento sexual da época, e do outro, os movimentos de libertação sexual.

O século XIX tornou-se o palco ideal para a repressão sexual, baseada em padrões e normas negativistas e restritivas, que sustentavam o controle sexual pregado pela moral médica: Católicos, protestantes, médicos, educadores, todos se aliavam para normatizar as atitudes e comportamentos sexuais

Após a metade do século XX, o sexo começa então a ser produto de consumo, há uma grande produção de objetos referentes ao sexo, além da indústria de pornografia e exploração sexual. A mulher, neste contexto passa a ser vista como objeto sexual, figura principalmente focada pela mídia, que expõe seu corpo escultural, como estratégia para conseguir vender e lucrar. A exposição do sexo e do corpo, principalmente feminino, proporciona ao adolescente uma visão desconfigurada a respeito do sexo e da sexualidade.

Nos dias atuais, a sexualidade é tratada de forma banal influenciando no comportamento dos jovens e adolescentes. Os jovens sofrem a todo instante a influência da mídia com mensagens que vendem um dos produtos mais desejados: o sexo. A mercadoria está disponível na internet, na televisão, no sexo virtual, nos namoros eletrônicos, nos rádios, nas bancas de jornal e livrarias, gerando informações distorcidas e levando à prática desenfreada de impulsos e desejos.

Vive-se atualmente em uma sociedade complexa, pois apesar de vencer a repressão sexual, exercida na época Medieval e o poder da Igreja sobre as expressões sexuais e a luta pelos direitos da mulher e movimentos de liberdade sexual, ainda o ser humano se prende a valores disseminados pelas mídias. Além disso, se formam jovens e adolescentes sem capacidade crítica e autônoma de pensar a respeito do sexo e da sexualidade, fatores essencialmente importantes tanto para a o indivíduo quanto para as interações sociais. Por meio da história da sexualidade, é possível verificar que houve significativas mudanças em relação ao pensamento sexual estabelecido em cada sociedade. Na era Medieval a Igreja detinha o poder sobre a sociedade, por isso grande repressão sexual sobre qualquer

manifestação desta ordem. O sexo era considerado pecado e muitos que contrariassem tal poder sofriam sanções. Com o decorrer do tempo e a entrada na Modernidade, tais repressões foram fortificadas com o intuito de preservar as energias para a indústria, que estava em ascensão (NUNES, 2006).

Posterior ao período moderno, diferentes movimentos sociais, tais como a luta pela diversidade de gênero, a prevenção do vírus HIV, os riscos da gravidez na adolescência, entre outros, levaram a uma desestruturação deste pensamento repressor. A contemporaneidade é marcada por uma visão estereotipada da sexualidade, onde as redes sociais, a televisão e revistas, propagam a venda do sexo. O capitalismo apropriou-se de tal conceito para vender o sexo a fim de garantir lucro. A sexualidade deve ser alvo de reflexões e críticas bem fundamentadas com a intenção de formar sujeitos que detém o conhecimento e respeito ao próprio corpo.

Apesar da contemporaneidade ter criado iniciativas a favor da educação sexual, tentando implantar o tema nas escolas e buscar melhor compreender a sexualidade dentro da sociedade, muito ainda tem de ser feito, pois uma sociedade que não provoca em seus adolescentes a capacidade de conhecer, respeitar e humanizar seu corpo não é digna de ser nomeada evoluída.

## **1.2 A sexualidade segundo a teoria de Freud**

No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, período em que Sigmund Freud<sup>11</sup> elabora a teoria da sexualidade infantil e verifica-se que há uma valorização crescente da criança e da infância como objeto de estudo da Psicologia.

A sexualidade das crianças é um tema difícil de ser abordado. Apesar de Freud ter chocado a sociedade vienense cem anos atrás, ao propor a ideia de uma infância que se afastava da tradicional noção de pureza e de felicidade ímpar, trazendo à tona uma criança dotada de afetos, desejos e conflitos, ainda hoje temos dificuldade em aceitar a sexualidade infantil proposta pelo fundador da psicanálise (FREUD, 2006).

A sexualidade proposta por Freud é uma sexualidade ampliada e radicalmente diferente da concepção naturalista predominante no final do século XIX, quando a normalidade sexual era definida pela sexualidade adulta e a consumação do ato sexual referida a fins de reprodução. A masturbação infantil, a simples busca do prazer sexual ou

---

<sup>11</sup> Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico neurologista e importante psicólogo austríaco. Foi considerado o pai da psicanálise, que influenciou consideravelmente sobre a Psicologia Social contemporânea.

ainda a impossibilidade do ato sexual (como em alguns casos de impotência) eram consideradas condutas anormais (perversas) ou sinais de degenerescência.

A concepção clássica de instinto tem como modelo um comportamento que se caracteriza por sua finalidade fixa e pré-formada, com um objeto e objetivo determinados, enquanto a noção freudiana de sexualidade defende a ideia de que a sexualidade humana não é instintiva, pois o homem busca o prazer e a satisfação através de diversas modalidades, baseadas em sua história individual e ultrapassando as necessidades fisiológicas fundamentais. Assim, se a sexualidade se inicia com a anatomia (no nascimento), sua conquista depende de um longo percurso durante a construção da subjetividade da criança.

Ao indicar o pluralismo dos componentes da sexualidade infantil, Freud se afasta da moral repressora de sua época, que só aceitava uma sexualidade baseada no instinto, o qual surgiria a partir da puberdade e teria como finalidade a reprodução. O autor denomina a sexualidade das crianças de perverso-polimorfa<sup>12</sup>, por se afastar do modelo genital de relação sexual, procurando formas de prazer derivadas de qualquer área ou órgão do corpo. O autoerotismo infantil é destacado justamente pelo fato de que na infância a sexualidade é autoerótica, sendo o corpo da criança o único meio de obter gratificação em circunstâncias normais.

O auto-erotismo infantil é destacado justamente pelo fato de que na infância a sexualidade é auto-erótica, sendo o corpo da criança o único meio de obter gratificação em circunstâncias normais. Assim sendo, mesmo se as fantasias sexuais são dirigidas a um objeto (outra pessoa), a gratificação sexual é buscada em seu corpo ou em determinadas áreas do corpo que são privilegiadas em um determinado momento do desenvolvimento (ZORNING, 2008, p. 8).

Assim sendo, mesmo se as fantasias sexuais são dirigidas a um objeto (outra pessoa), a gratificação sexual é buscada em seu corpo ou em determinadas áreas do corpo que são privilegiadas em um determinado momento do desenvolvimento.

### **1.2.1 Fase Oral da sexualidade infantil**

É nos primeiros anos de vida que a criança tem suas mais puras reações. Sabem expressar dor e alegria, demonstram amor, ciúmes e outros sentimentos que vivenciam com

---

<sup>12</sup>Significa que potencialmente toda criança minimamente saudável seria capaz de experimentar prazer de múltiplas formas, em múltiplas zonas do corpo e com múltiplos objetos.

<sup>14</sup> FIORI, Wagner da Rocha. *Teorias do Desenvolvimento: Conceitos fundamentais: modelo psicanalítico*. São Paulo. Cortez, 2003. 33 p.

muita intensidade. Desta forma se pode observar que em nenhuma outra fase da vida a capacidade de recepção e imitação é maior do que os anos da infância. O ser humano nasce sexuado e desde bebê tem início seu autoconhecimento, de forma natural e espontaneamente, mas ele necessita da ajuda do meio em que se está inserido para encontrar as respostas das questões que tanto lhe angustiam. Segundo Freud (2006) a sexualidade é construída durante as primeiras experiências afetivas do bebê. Quando nasce, a percepção do bebê é sensorial, todo contato com seus pais ou cuidadores passa a compor as primeiras sensações sexuais e será a base para a construção dos vínculos afetivos e do desejo de aprender. Essa construção ocorrerá por meio da energia afetiva, que levará o organismo a perseguir seus objetivos. A essa energia, Freud (2006) denominou de libido, que é sinônimo de energia sexual. Segundo Fiori, a libido é definida como:

[...] a energia afetiva original que sofrerá progressivas organizações durante o desenvolvimento, cada uma das quais suportadas por uma organização da libido, apoiada numa zona erógena corporal, caracterizará uma fase de desenvolvimento (2003, p. 33).

Ribeiro (1996), considera que as teorias de Freud sobre a sexualidade afirmam que é a libido a mola propulsora que move o homem. A libido é a energia afetiva que busca o prazer e faz parte do ser humano desde seu nascimento até sua morte. Para Freud (2006), nas fases psicosexuais<sup>13</sup> ocorrem o desenvolvimento da personalidade de um modo específico, sendo caracterizada pela concentração da libido em zonas erógenas.

A sexualidade infantil surge ligada as necessidades orgânicas e acaba se apresentando autoerótica, procurando a satisfação de seus desejos em seu próprio corpo. Ao nascer, a criança possui em sua estrutura sensorial, a boca e os lábios como zonas erógenas mais desenvolvidas e é por meio dos lábios que ela experimenta os primeiros momentos de prazer. Segundo o dicionário de psicanálise, para Freud (2006) qualquer região do revestimento cutâneo-mucoso pode funcionar como zona erógena. Freud (2006) estende a propriedade que ele denomina de erogenidade a todos os órgãos internos, ou seja, todo o corpo é visto como zona erógena. Essas zonas erógenas são fontes de diversas pulsões parciais (autoerotismo) e determina com maior ou menor especificidade certo tipo de meta sexual, que são fontes de prazer. É durante o ato de “mamar”, quando a criança busca a preservação do equilíbrio vital, que surgem as primeiras experiências de prazer. Ao sugar o seio da mãe sua boca entra em

---

<sup>13</sup> Que envolve conjuntamente aspectos psicológicos e sociais.

contato com a pele dela e seus lábios se comportam como transmissores de sensações prazerosas. Segundo Freud:

É pela boca que começará a provar e a conhecer o mundo. É pela boca que fará sua primeira e mais importante descoberta afetiva: o seio. O seio é o primeiro objeto de ligação infantil. É o depositário de seus primeiros amores e ódios ( 2003, p. 36 ).

Os lábios e a língua do bebê tornam-se zona erógena pela qual, ao sugar o leite, a criança sente prazer em se alimentar e desta forma, a sensação prazerosa fica associada à necessidade de alimento. Freud descreve a presença desse prazer ao afirmar que:

Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida ( 2006, p. 171).

Neste momento a energia libidinal está organizada em torno da boca. Esta fase o autor denominou de “oral”, pois tudo que a criança pega leva a boca; esta é o primeiro vínculo que a criança estabelece com o mundo. Ao abandonar o seio da mãe e começar a sugar o dedo ou até mesmo a própria língua, ocorre o início da autoerotização pela criança, quando se pode afirmar uma sexualidade que se desvia do instinto.

Com o passar dos meses a necessidade da satisfação dissocia-se da necessidade de se alimentar, nesta fase a criança busca em seu corpo uma forma de encontrar o prazer antes sentido no seio de sua mãe. A criança passa a sugar parte de seu corpo, isso se torna mais cômodo dando a ela a sensação de independência do mundo externo. Assim sendo, para Freud (2006), o sugar que surge no lactente pode persistir por toda a vida do indivíduo e consiste na repetição rítmica de sucção com a boca e não tem nenhum propósito de nutrição. Nesse período qualquer parte de seu corpo (parte dos lábios, língua, dedo das mãos ou dos pés, ou ponto da pele) pode ser usado como objeto para sucção. Em muitos casos o sugar com leite combina-se com a fricção de alguma parte sensível do corpo, como os seios ou as genitálias externas.

Desta forma, pode-se notar que a pulsão não se dirige a outra pessoa, mas ao próprio corpo, pois é autoerótica, e o prazer é lembrado por meio de sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa, uma vez que a pulsão é a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulação que flui segundo a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas.

A criança sugadora busca em seu corpo alguma parte que a estimulará buscando produzir uma excitação prazerosa que depois, por hábito, se tornará a preferida. Diversas crianças passam do sugar para a masturbação. As zonas erógenas nem sempre proporcionam um generoso prazer. Assim sendo, a criança passa a explorar seu corpo cada vez mais e se depara com as regiões excitáveis que são representadas por seus genitais e, saem da sucção para a masturbação. Percebe-se portanto, bem visíveis as manifestações sexuais na infância.

### **1.2.2 Fase Anal da sexualidade infantil**

A fase anal sucede a fase oral e inicia-se por volta do segundo ano de vida. Nesta fase, a libido, que estava concentrada na região dos lábios, passa para o ânus, ou seja, a satisfação erógena que a zona labial proporcionava à criança é substituída pela zona retal. “Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais” (FREUD, 2006, p. 175).

É nessa fase que a criança começa a estabelecer o controle de seus esfíncteres. As crianças começam a criar suas fantasias sobre o que produzem, ou seja, as fezes. Essa produção tem para ela um grande valor, porque são objetos que vem de dentro de seu corpo e que, de certa forma, fazem parte da criança, proporcionando prazer ao ser produzido. O autor esclarece que é de suma importância esta parte do corpo, pois as excitações dela provenientes perpetuam por toda a vida, por meio da excitabilidade genital.

[...] Um dos melhores presságios de excentricidade e nervosismo posteriores é a recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, ou seja, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprouver a ele próprio. Naturalmente, não é que lhe interesse sujar a cama; ele está apenas providenciando para que não lhe escape o dividendo de prazer que vem junto com a defecação (FREUD, 2006, p. 175)<sup>14</sup>.

Neste período, as crianças, para tirar proveito da estimulação erógena da zona anal, retêm as fezes, até que este acúmulo proporcione violentas cólicas e ao passar pelo ânus, ocorrerá uma estimulação intensa na mucosa, dando-lhes sensações de alívio e prazer.

### **1.2.3 Fase Fálica da sexualidade infantil**

---

<sup>14</sup> FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos*. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.



Nesta fase a libido erotiza os órgãos genitais e as crianças apresentam o desejo de manipulá-los. Tanto nos meninos quanto nas meninas, esta zona está ligada à micção (glande e clitóris). As atividades dessa zona erógena, da qual fazem parte os órgãos sexuais são, sem dúvida, o começo da vida sexual “normal”.

Por sua posição anatômica, pelas secreções em que estão banhadas, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais (como as migrações de vermes intestinais nas meninas), é inevitável que a sensação prazerosa que essas partes do corpo são capazes de produzir se faça notar à criança já na fase de amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la (FREUD, 2006, p.177).

O autor conclui que devido à necessidade de higienização das genitálias e a quantidades de dispositivos erógenos existentes, o onanismo (vício masturbatório) que ocorre no período da amamentação é o responsável pelo surgimento da futura primazia das zonas erógenas na atividade sexual. A masturbação (onanismo) que surge nesta fase é desencadeada, buscando eliminar o estímulo e provocar a satisfação.

A criança é desprovida de vergonha e apresenta uma satisfação em se despir, principalmente as partes sexuais. É nesse período que surge a curiosidade por ver os órgãos genitais de seus pares. Sobre o entusiasmo da sedução, o desejo de ver passa a apresentar grande importância na vida sexual da criança. Nesta fase, as crianças começam a perceber as diferenças em termos de gênero: masculino e feminino.

O recém nascido traz consigo traços sexuais que se desenvolvem por certo tempo, mas logo sofre uma supressão progressiva que pode ser justificada pelo desenvolvimento sexual ou por características individuais. Não se pode afirmar o período certo em que ocorre essa supressão sexual, mas por volta dos três ou quatro anos a criança costuma expressar de forma clara sua sexualidade.

De três a cinco anos, se pode observar o quanto a sexualidade está presente na criança e é neste período que se inicia a atividade da busca do saber ou de investigar. De acordo com Freud:

Suas relações com a vida sexual entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles ( 2006, p. 183)<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos*. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

O sentimento de ameaça que ela sofre pela chegada de um bebê, o medo da perda dos cuidados e do amor dos pais acaba por levar a criança a se tornar reflexiva e observadora. O primeiro problema que a confronta não tem sua origem nas questões das diferenças sexuais, mas sim no grande enigma; “de onde vêm os bebês?” (FREUD)<sup>16</sup>.

O fator da existência de dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhum desconforto. Mas, no decorrer das suas investigações, é comum encontrar meninos que presumem que as genitálias são todas iguais às suas e que é impossível imaginar a falta dela nas outras pessoas.

Esta convicção, obstinadamente defendida, acaba por levá-los a observação, que somente será abandonada após sérias lutas internas. Essa ideia de que todos os seres humanos possuem genitálias idênticas às suas é a primeira teoria sexual que a criança consegue formar. Nas meninas não ocorre este sentimento de incredulidade ao verificar a diferença de seus órgãos genitais em relação ao dos meninos, mas acabam sendo tomadas por uma espécie de inveja ou de um sentimento de inferioridade, pois em alguns casos elas podem se sentir como que castradas por algum tipo de castigo.

Outro fator que a leva a reflexão é sua curiosidade pela forma que os bebês nascem. São diversas as conclusões, chegam a acreditar que todas as pessoas, homens ou mulheres, possam gerar uma criança em seu ventre, e que isso pode ter acontecido devido à ingestão de algum tipo de alimento.

[...] eles saíam do seio, ou se recortariam do ventre, ou o umbigo se abriria para deixá-lo passar. [...] os filhos chegam quando se come determinada coisa (como nos contos de fadas) e nascem pelo intestino, como na eliminação de fezes. (FREUD, 2006, p. 184, 195)<sup>17</sup>.

Algumas crianças também trazem consigo a curiosidade de descobrir em que consiste a relação sexual, ou seja, em que consiste ser casado e acabam por relacionar a solução deste mistério a alguma atividade voltadas às funções de micção ou defecação.

---

<sup>16</sup> Ibid. , p. 183.

<sup>17</sup> Ibid., p. 184-195

### 1.2.4 Período de Latência

Segundo Fiori (1981) devido ao Complexo de Édipo<sup>18</sup>, a energia da libido se desloca dos seus objetivos sexuais. Como esta energia não cessa, está constantemente sendo produzida, não pode ser simplesmente contida, é necessário que ela seja deslocada para outra finalidade. Acaba sendo canalizada por meio da sublimação para o desenvolvimento intelectual e social da criança.

Ao descrever o período de latência, compara-se esta repressão da energia sexual a diques. Estes são erigidos a custa dos próprios impulsos sexuais, que nesta etapa, não deixam de fluir, mas sua energia se encontra desviada, no todo ou em parte, da utilização sexual e orientada para outros fins (sublimação). Estes instintos sexuais seriam inaproveitáveis nos anos da infância devido à ausência da função reprodutora, o que os levaria unicamente a provocar sensações desprazerosas. Desta forma surgiriam forças psíquicas contrárias que levantariam, para a supressão de tais sensações, os diques psíquicos (repugnância, pudor e moral). Freud afirma que “durante esse período de latência total ou parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso em forma de diques”(FREUD, 2006, p.167).

Nesta fase percebe-se que a educação é uma das responsáveis por esses diques, pois a energia sexual, às vezes total, porém em alguns casos parcial, é desviada para outros fins. Estudos afirmam que o desvio das forças pulsionais sexuais, denominado de sublimação, torna-se componente para as realizações culturais. No entanto, às vezes, manifestam-se situações sexuais que não foram totalmente sublimadas ou em alguns casos se preservam certas atividades sexuais ao longo do período de latência até a puberdade.

### 1.2.5 Fase Genital

Essa fase tem seu início, segundo Nunes e Silva, aproximadamente aos dez anos de idade, ou seja, na puberdade e termina no final da vida do ser humano. Neste período a criança passa por transformações corporais, biológicas, afetivas e sociais. O autor ainda afirma que “é um período de maturidade psíquica e organização da estrutura da psique” (NUNES e SILVA, 2006, p. 86).

---

<sup>18</sup> O termo Complexo de Édipo criado por Freud e inspirado na tragédia grega *Édipo Rei* designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino enquanto ainda criança experimenta com relação a sua mãe. O fenômeno psíquico também ocorre nas meninas com relação ao pai, mas a este se dá o nome de Complexo de Electra.

A libido volta a se concentrar nos órgãos genitais, devido ao amadurecimento dos mesmos. Para Fiori (1981, p. 45) “alcançar a fase genital constitui, para a psicanálise, atingir o pleno desenvolvimento do adulto normal”. Segundo a autora, nesta etapa as adequações psicológicas e biológicas já foram todas atingidas, visto que ocorreu o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo. Agora é a hora das realizações. É capaz de amar num sentido genital amplo. É capaz de definir um vínculo heterossexual significativo e duradouro. Sua capacidade orgástica é plena, e o prazer dela oriundo será componente fundamental de sua capacidade de amar.

A fim de preparar adequadamente o indivíduo para lidar com sua sexualidade é necessário pensar uma educação que contemple tal desenvolvimento de maneira clara, sem culpas e preconceitos.

As teorias desenvolvimentistas<sup>19</sup>, com base nas leis biogenéticas<sup>20</sup>, introduzidas no Brasil no final de década de 1980, asseguravam um determinismo no desenvolvimento da criança a partir de estágios espontâneos e sequenciais marcados por sobreposições de estruturas matrizes. Freud, no início do século XX, surpreendeu a comunidade científica com a teoria de que as experiências e condutas sexuais infantis contribuem para a vida e o comportamento da pessoa adulta. Seu trabalho explanava a divisão do período pré-puberal de desenvolvimento da personalidade em estágios dominados por tendências sexuais, essas provenientes de impulsos instintivos e não aprendidos, porém com o objetivo do prazer.

Manter a importância da concepção freudiana sobre a sexualidade infantil é reconhecer sua dimensão singular e estruturante: singular por relacionar-se à construção da subjetividade a partir da representação psíquica da relação corpo a corpo com o outro; e estruturante por testemunhar as marcas relacionais que funcionam como referentes para uma apropriação narrativa a posteriori.

---

<sup>19</sup> A Teoria Desenvolvimentista, introduzida no Brasil no final da década de 1980, estabelece métodos de ensino coerentes com cada fase do desenvolvimento. Para cada idade, atividades específicas.

<sup>20</sup> É uma teoria que estabelece uma relação entre o desenvolvimento de embriões das espécies e o processo evolutivo dessas espécies, de modo a afirmar que o desenvolvimento embrionário de um indivíduo de determinada espécie traça os mesmos caminhos evolutivos dos embriões de toda a espécie.

## **CAPÍTULO 2**

### **A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL PÓS ESTUDOS FREUDIANOS**

O estudo freudiano sobre o impacto da sexualidade infantil para a vida adulta desafiou a noção dominante da época de que a criança era uma criatura pura e inocente, razão porque foi recebido como revolucionário chocante e mesmo ofensivo para a sociedade. Hoje, ainda convive-se com conhecimentos compartilhados socialmente sobre esse modo de olhar para a criança. Por outro lado, cada vez mais percebe-se que o infante têm desejos, experiências e fantasias sexuais. No imaginário popular da cultura ocidental, ainda é comum o confronto com modos de olhar para a criança como meros destinatários passivos de ações adultas ou de intervenções institucionais por serem figuras frágeis, dependentes, necessitados (as) de proteção e monitoramento.

A infância não é mais vista e estudada por conceitos universais, mas histórica e culturalmente localizada através de crianças vistas como sujeitos que vivem em lugares e tempos específicos. Assim, como a infância nem sempre foi vista da mesma maneira, a sexualidade também é uma construção social definida por marcas culturais impressas antes mesmo da concepção de um bebê. Supondo o desejo de um casal de ter um filho, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê (FREUD, 2006).

Criança e sexualidade são instituições sociais ligadas a práticas relacionais a modos de educação, que caminham e convivem juntas sob influências do meio cultural. A criança é o sujeito das infâncias que apresenta-se em realidades atravessadas por desiguais oportunidades de desenvolvimento. Nesse sentido, os pequenos estão presentes em todos os espaços e, por isso, sujeitos aos diversos aspectos sociais, culturais e políticos que interferem na sua formação. Dessa forma, não podem ser categorizados porque não vivem infâncias iguais.

Nessa perspectiva, a influência dessas instituições pode ser considerada natural para as crianças, assim como sua dependência dos adultos nos aspectos social, material e emocional, que são apenas resultado de tipos de relacionamentos ditados pelas características culturais de de cada sociedade.

Dessa forma, a sexualidade pertencente também a característica cultural, quando relacionada à infância, ainda hoje, é pouco falada e explicada e, por isso, permanece como

uma incógnita para os adultos que a experienciam como uma temática assustadora e, muitas vezes, proibida (CONSTANTINE; MARTINSON, 1984). No entanto, é uma dimensão humana à serviço da vida porque traz ganhos vinculados às bases fundamentais da felicidade como o exercício do prazer e do amor.

Segundo Foucault (1977), nos últimos séculos, ao contrário de uma sistemática repressão sexual, o que ocorreu foi uma produção massiva sobre o sexo. Uma proliferação de discursos de diferentes áreas (medicina, pedagogia, psiquiatria, etc.) que incorporaram a sexualidade como objeto de análise. As relações de poder, a regulação, então, passam a se projetar sobre o corpo, sobre o prazer e suas manifestações. Neste contexto, a sexualidade infantil é também alvo dos discursos de várias áreas, principalmente da pedagogia.

Embora toda a nomenclatura até os dias atuais em livros didáticos, legislação e PCNs no que diz respeito as questões relacionadas a sexualidade, se reportem a Orientação Sexual, a nova legislação contida na Base Comum Curricular Nacional elimina o termo Orientação Sexual. Aparece no primeiro ano do ensino fundamental com o tema de Corpo Humano e Respeito a diversidade, tendo como objetivos: 1- Localizar e nomear partes do corpo humano, representá-las por meio de desenhos e explicar oralmente suas funções. 2- Discutir as razões pelas quais os hábitos de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, lavar os dentes, limpar olhos, nariz e orelhas etc.) são necessários para a manutenção da saúde. 3- Comparar características físicas entre os colegas, de modo a constatar a diversidade de características, reconhecendo a importância da valorização, do acolhimento e do respeito a essas diferenças.

No quarto ano aborda os Microrganismos, com ênfase ao conhecimento de: vírus, bactérias e protozoários atitudes e medidas adequadas para prevenção de doenças a eles associadas, sem contudo fazer referência as doenças sexualmente transmissíveis. Deixando a possibilidade desta abordagem em aberto.

Apenas no oitavo ano a questão volta a contemplar o tema com: Mecanismos Reprodutivos e Sexualidade com a proposta de: 1-Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais. 2- Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). 3- Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção. 4- Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de

indivíduos, sem preconceitos baseados nas diferenças de sexo, de identidade de gênero e de orientação sexual.

Considerando a BCCN, faz-se necessária uma reflexão mais aprofundada no sentido de serem supridas as lacunas existentes entre o primeiro, quarto e oitavo anos do Ensino Fundamental no que se refere as questões relativas a Sexualidade. Tal referência é adequada uma vez que os profissionais precisam estar atentos as situações que envolvem o desenvolvimento sexual das crianças e adolescentes, para propiciar as informações corretas e adequadas frente as demandas mesmo que não corresponda a série que trata especificamente dos conteúdos relativos a sexualidade.

## **2.1 A sexualidade infantil na escola**

A escola descrita nas teorias foucaultianas<sup>21</sup>, no século XVIII, apresentava a ausência do discurso sobre sexo. A sexualidade foi cuidadosamente confiscada e encerrada por decoros e segredos, apesar de reconhecida e legitimada socialmente “na seriedade da função de reproduzir” (FOUCAULT 1977, p. 9). Atos e palavras sobre o sexo passaram a ser regulados, expulsos, negados e reduzidos ao silêncio por gerações, que justificam essa interdição pela crença de que “as crianças [...] não têm sexo”.

A sexualidade infantil apresenta-se na escola como um grande desafio pela transformação que promove na prática educativa, ao desvelar os ocultamentos e silenciamentos sobre a temática. Vive-se em uma sociedade que, frequentemente, na relação social estabelecida entre adultos e crianças, concebe a infância como “um período feliz, prazeroso e idílico da vida” (NUNES, SILVA, 2006, p. 2); com concepções costumeiras que a representam por crianças livres de preocupações ou de responsabilidades, com falta de experiências e com necessidades de ajuda. Sob este olhar do senso comum, as crianças são vistas por aspectos de ausências, negatividades e imperfeições.

A escola infantil, instituição criada pela sociedade e nela inserida como uma maquinaria da infância<sup>22</sup>, recebe influências e impactos da comunidade a qual pertence e se vê atravessada por correntes de pensamento, movimentos e tensões que perpassam pelas redes sociais onde está inserida. Como um subgrupo social, enquadra e normaliza as crianças dentro

---

<sup>21</sup>Teorias que abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais.

<sup>22</sup>Trata-se das condições sociais e históricas que permitiram o estabelecimento da escola como instituição “universal e eterna”. Para isso analisa o surgimento de instâncias fundamentais que favoreceram e legitimaram a escola nacional. Entre estas instâncias está a definição de um estatuto da infância.

de padrões, reproduzindo dicotomias e políticas da verdade entre certo/ errado, normal/anormal, verdadeiro/falso, natural/antinatural (NUNES, SILVA, 2006).

A sexualidade da criança recebe pouca importância do educador, apesar de ser um dispositivo fundamental aos processos de subjetivação, principalmente quando se tem clareza da relevância desta dimensão do humano na construção histórica do sujeito e na formação da parte mais profunda de si. Isso acontece quando o professor, desconhece que a sexualidade envolve as histórias de vida e seus segredos, as emoções e sentimentos, expressos e experimentados por pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis e relacionamentos.

Ainda hoje, a escola adequa-se ao formato de *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1977), uma ciência que emergiu pela necessidade de um investimento disciplinar não apenas sobre o corpo individual, mas também sobre o corpo social. Para isso, criaram-se discursos para iluminar o sexo do ser humano e produzir verdades sobre ele, tentando explicá-lo, ordenando seus procedimentos em forma de poder-saber, numa preocupação com a espécie, com a formação para a vida em coletividade e com o projeto civilizatório.

As crianças trazem para a escola situações inusitadas nos mais diversos campos de conhecimento, incluindo aquelas relativas à sexualidade promovendo, nos educadores, sentimentos de desconhecimento e impotência no confronto e questionamento sobre essas vivências.

A escola, por sua vez, é um verdadeiro palco onde as crianças e a equipe pedagógica exibem peculiares formas de vivenciar suas sexualidades porque cada um vive as experiências e os eventos cotidianos e coetâneos de uma forma própria e bastante singular. Diferente do que muito ainda hoje considera-se como normal e natural, a sexualidade não é dada pela natureza e, assim como o saber, também é construída social e culturalmente.

Nessa perspectiva, a sexualidade tem um caráter dinâmico e mutável, não apenas pelas particularidades de cada cultura, mas também pelo modo singular com que cada pessoa assimila a tradição social por meio dos seus rituais, suas linguagens, suas fantasias, suas representações, seus símbolos e suas convenções (LOURO, 2013). Assim, o desenvolvimento desta é fortemente marcado pela cultura e pela história de cada sociedade, que impõe regras de relevada influência no comportamento dos indivíduos. Esta marca cultural se faz presente no desenvolvimento da sexualidade infantil pela maneira, por exemplo, como os adultos reagem ao prazer manifesto pela criança nos primeiros movimentos exploratórios que fazem em seu corpo.



As pressões para que as crianças se comportem de acordo com os estereótipos sexuais considerados como próprios para meninos e meninas, é bastante comum na escola, que em geral, estabelece e reafirma apenas as formas de masculinidade e feminilidade já consagradas como referência. O professor, vigilante a este modelo, muitas vezes, deixa de proporcionar exercícios que estimulam a integração e cooperação das crianças dos dois sexos, acabando assim por reforçar a separação, na medida em que propõe atividades diferenciadas para meninos e meninas, além de estabelecer dinâmicas de trabalho baseadas nas disputas entre os dois grupos.

Quando os comportamentos se desviam das expectativas consideradas como normais e convencionais, são desaprovados e vistos como transgressores do padrão estabelecido pela escola; as crianças que os apresentam são enquadradas como portadoras de distúrbios e costumam ser tratadas como problemas que precisam ser resolvidos.

O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 2013, p. 27).

Significados atribuídos ao normal e natural, segundo a autora, tendem a expressar a ideia de uma sexualidade inerente à natureza do ser humano. No entanto, a sexualidade é construída por significações compartilhadas na história cotidiana das interações com o outro, pelas quais a criança aprende como agir de acordo com os valores e as normas culturais de seu ambiente.

O corpo da criança é a matriz da sua sexualidade, na medida em que, por seu intermédio, sente o mundo desde o nascimento, pela proximidade física e mental dos pais ou de quem desempenha esse papel, o bebê percebe a sensação de segurança e também de amor. Este corpo infantil, na inter-relação de laços estreitos e afetuosos de intimidades, passa a ser um palco de manifestações de sensual intimidade decorrentes de abraços, carinhos e afagos trocados pelos pequenos com seus pares, familiares e também com os educadores.

Desde o nascimento, o corpo do bebê possui inúmeros pontos anatômicos, geradores e produtores de sensações e de excitação sexual. O infante sente prazer e desprazer corporal expressando-os por emoções oriundas dos afetos e das carícias provocados pelo outro, evidenciando uma sexualidade infantil sentida, vivida e simbolizada de maneira singular. Os bebês desenvolvem-se interagindo com suas culturas em um processo de construir e viver

seus corpos segundo rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções, transformando o corpo biológico num corpo histórico e com sentido social.

Ao iniciar sua vida escolar, as diferenças entre essas singulares construções são evidenciadas pelas formas como cada criança expressa seus desejos e prazeres. Muitas vezes, essas particularidades não são respeitadas na Educação Infantil e as experiências vividas interiramente, com colegas e educadores, deixam marcas permanentes. “Essas marcas que nos fazem lembrar dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual”, assegura (LOURO, 2011, p. 19).

Assim, a escola costuma adotar o corpo como ponto de partida para educar as crianças e, como consequência, produzir uma sexualidade “normal” - masculina ou feminina - por meio de práticas pedagógicas disciplinadoras sutis, discretas, contínuas e, quase sempre, eficientes e duradouras, porém nem sempre explícitas ou intencionais. Nesse sentido, há que se questionar: Quais seriam os critérios e as referências que utiliza o educador para discernir e decidir o quanto cada criança aproxima-se ou afasta-se da norma desejada pela escola?

É no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, dentre elas as sexuais. Já na primeira infância, as crianças começam a formar as suas ideias sobre sexualidade, a partir do que observam e vivenciam na interação familiar, com seus pares e também com os educadores.

Como o tema sexualidade ainda é pouco discutido na área da Educação Infantil, ainda prevalecem articulações conceituais do senso comum, que causam embaralhamentos, misturas e confusões. Essas noções naturalizam-se, de tal modo, que se tornam quase imperceptíveis, porém produzem consequências políticas demasiadamente importantes para serem ignoradas, postula Louro (2008).

Ao receberem uma formação que trata o corpo como algo vergonhoso ou até mesmo pecaminoso, as crianças passam a ser não apenas portadoras, mas também propagadoras de um conjunto de princípios e opiniões calcados num pudor excessivo e inibidor de qualquer forma de expressão da sexualidade. As normas, que não esclarecem, mas que impõem-se por silêncios ou por pronunciamentos punitivos, são apreendidas pelas crianças como controladoras e disciplinadoras das expressões e comportamentos relativos ao sexual.

A escola, ainda hoje, é um ambiente transmissor de padrões de sociabilidade, regras de comportamento, valores, parâmetros morais e éticos. Neste processo de socialização, as crianças são influenciadas por pedagogias culturais, que colaboram nos processos construtivos de suas sexualidades.

Sabe-se, que não é simples lidar com o assunto sexualidade e, menos ainda, com a sexualidade de crianças pequenas, considerando que os cursos de formação docente, na maioria das vezes, não preparam os educadores para lidar com as questões relativas a esta temática. Acredita-se, no entanto, que diálogos entre especialistas na área sexologia e os educadores, sobre a sexualidade infantil, seriam promissores para uma gradativa desconstrução de padrões tradicionais e preconceituosos relativos a esta temática (LOURO, 2008).

A sexualidade da criança, no seu contexto infantil, revela-se na experiência de prazeres com registros profundos de sensações que a memória do corpo não esquece, afirma Caridade (1997). Essas memórias alicerçam impressões de algo bom ou não, que farão eco na maneira como as crianças viverão suas sexualidades ao longo da vida. As sensações que as crianças adquirem do mundo nunca estão descoladas das dimensões culturais onde estão inseridas.

Desta forma, as instituições sociais, tais como a escola, por exemplo, ainda precisam desconstruir ideias e percepções culturais universais sobre o que é a sexualidade da criança e sobre quais são suas necessidades e seus desejos. Quantas vezes a criança é aquela de quem falamos e não com quem falamos, mesmo quando está ao nosso lado?

Percebe-se que, nos espaços infantis, crianças que brincam, participam de atividades, muitas vezes tornam-se invisíveis aos olhos dos adultos nas suas descobertas e brincadeiras sexuais infantis. Seriam as crenças, os tabus e os interditos alguns dos mecanismos responsáveis por construir nos adultos essas formas de impossibilitar as experiências infantis? Hoje sabe-se que a sexualidade é uma dimensão humana que acompanha as pessoas ao longo de toda a vida, num conjunto de tudo que ouvimos, vemos, sentimos e recebemos da família, escola, comunidade e cultura onde estamos inseridos (CARIDADE, 1997).

O educador tem um papel importante no processo formativo das crianças, porém mesmo com a própria expressão da sexualidade traduzida por valores, crenças, opiniões e sentimentos, nunca estará absolutamente isento deles ao defrontar-se com as experiências, as perguntas e as curiosidades. A sexualidade está na escola, faz parte dos sujeitos e não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”, conclui Louro (2008, p. 81).

## 2.2 A sexualidade na concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais

Antes de se abordar o tema transversal<sup>23</sup> sobre Orientação Sexual, é primordial uma análise sucinta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para a compreensão da estrutura curricular da educação do país até o presente ano. Este documento integra um conjunto de propostas de conteúdos selecionados para orientar os professores em diferentes áreas: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Artística, Educação Física e Temas Transversais.

A inserção dos temas transversais na proposta educacional curricular consiste em discutir questões urgentes e intensamente vivenciadas pela sociedade, tendo como principal enfoque, promover o ensino de valores, atitudes, essenciais para o reconhecimento de direitos de cidadania e eliminação de práticas de injustiças.

Em síntese, a escola representa a partir de sua ação educativa os preceitos assumidos pela Constituição de 1988<sup>24</sup>, deste modo, os direitos civis, sociais, políticos e humanos são indicados como referência nas práticas cotidianas escolares e isto aponta que, a educação está pautada em projetos e ações de intervenção pedagógica relacionada ao reconhecimento dos direitos em cidadania.

A década de 70, do século XX, dá início a discussões sobre a inclusão da temática Orientação Sexual no currículo da escola e essa mudança decorre da influência de movimentos sociais repercutidos no país mediante a revolução sexual que se instaurava na Europa e nos Estados Unidos.

A princípio sua inserção consistia numa mudança atribuída ao papel da escola ao considerar o tema relevante na formação do indivíduo. Porém, a discussão sobre sexualidade no contexto escolar apenas ganhou destaque, na década de 80, devido as reivindicações da família e preocupação dos educadores com o aumento dos casos de gravidez indesejada e contaminação pelo vírus HIV<sup>25</sup>. A ideia de que a sexualidade era atribuição exclusiva da família perdurou por muito tempo, recaindo a escola o silenciamento dessas demandas. (BRASIL, 2000).

---

<sup>23</sup> Os temas transversais, nesse sentido, correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. Com base nessa idéia, o MEC definiu alguns temas que abordam valores referentes à cidadania: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural.

<sup>24</sup>BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

<sup>25</sup>HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da AIDS, que ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças.

No que se diz respeito ao trabalho em Orientação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), o PCN indica que as questões trazidas pelos alunos a respeito da sexualidade devem ser esclarecidas pelo professor de forma direta.

O trabalho de Orientação Sexual deverá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema (BRASIL, 2000, p.88).

É necessário dizer que, o documento faz referência as principais dúvidas trazidas pelas crianças em relação à sexualidade, as indagações norteiam a curiosidade em relação ao corpo, reprodução, sexo, homossexualidade, prostituição, masturbação, entre outras. Entretanto, alguns temas por serem considerados polêmicos, dentre eles a homossexualidade, são indicados à discussão somente a partir do 5º ano.

Nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), a Orientação Sexual é proposta para ser trabalhada em uma hora aula semanal e/ou espaço específico, a depender da escola e do educador, cabendo ainda, a instituição escolar informar a família sobre o trabalho a fim de se debater, planejar e determinar o modo como o trabalho irá ser desenvolvido (BRASIL, 1998).

Ainda, de acordo com o PCN de Orientação Sexual, a tarefa do professor na condução do trabalho consiste na transmissão de informações e conhecimentos ligados a sexualidade, bem como no esclarecimento de dúvidas mediante as questões apresentadas, de maneira a manter o respeito e dignidade entre os alunos ao que competem as diferenças de opiniões.

É possível observar que as informações contidas no PCN referente ao trabalho sobre sexualidade e atuação do professor assumem caráter contraditório; primeiramente, quando entende a necessidade de trazer informações para superação de preconceitos relacionados ao sexo, e, depois por especificar que a escola e o professor não poderão se posicionar mediante as concepções, valores, trazidos pelos alunos sobre a temática. Tal fato implica no não reconhecimento dos alunos quanto aos valores básicos referentes a questões da sexualidade, dando margem para a continuidade de práticas preconceituosas e na manutenção da ideia de que as homossexualidades são anormais.

Porém, em uma parte do documento, articula-se:

O trabalho com Orientação Sexual supõe refletir sobre e se contrapor aos estereótipos de gênero, raça, nacionalidade, cultura e classe sociais ligados à sexualidade. Implica, portanto, colocar-se contra as discriminações associadas a

expressões da sexualidade, como a atração homo ou bissexual, e aos profissionais do sexo (BRASIL, 1998, p.316).

Nesse sentido, pode-se dizer que a concepção didático pedagógica dos PCNs admite a necessidade de inclusão da Orientação Sexual no currículo escolar, mas, por outro lado, configura essa questão com limitações. Isso porque não articula o ensino do tema de maneira explícita, uma vez que, ora observa-se a busca pelo reconhecimento de diferentes práticas de sexualidade humana, ora se retrai, dizendo que não cabe à escola julgar concepções diferentes que possam se expressar.

Outro ponto de suma importância é a divisão dos conteúdos de Orientação Sexual em três blocos relacionados ao corpo: “matriz da sexualidade, relação de gênero e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS” (BRASIL, 1998, p.95).

Em relação a matriz da sexualidade compreende conteúdos referentes não só a anatomia do corpo humano, incluindo também, as percepções, dúvidas, cuidados relacionados em relação ao corpo, métodos contraceptivos e gravidez.

Para relação de gênero, o enfoque é a equidade de gêneros e a eliminação das desigualdades relativas à sexualidade. Nessa temática, pode-se encontrar sugestões de como o profissional deve conduzir o trabalho em relação às concepções de gênero, como é possível observar neste fragmento:

Tratar das relações de gênero com as diferentes faixas etárias convém esclarecer, é uma tarefa delicada. Há alguns mitos associados ao gênero na escola que precisam ser questionados [...]. São comportamentos e habilidades socialmente desenvolvidos, não tão explícitos, a que os educadores precisam estar atentos para não tomá-los como “naturais” e ligados ao sexo biológico, como a forma diferenciada de expressão verbal de meninos e meninas (BRASIL, 2000 p.323-324)<sup>26</sup>.

Nota-se que é fundamental o reconhecimento do PCN Orientação Sexual nessa questão, considerando que as identidades de gênero são construídas e produzidas pela sociedade e o não reconhecimento da escola nesses aspectos, dificulta a desconstrução de associações remetidas a homens e mulheres.

Neste aspecto, o PCN dá continuidade a temática de relação de gênero, apontando sobre a ocorrência de possíveis discussões ligadas ao tema das homossexualidades associadas à ideia de identidade e gênero.

Tome-se como exemplo a discussão do tema da homossexualidade. Muitas vezes se atribui conotação homossexual a um comportamento ou atitude que é expressão

---

<sup>26</sup>Ibid., p. 325.

menos convencional de uma forma de ser homem ou mulher. Ela escapa aos estereótipos de gênero, tal como um menino mais delicado ou sensível ser chamado de “bicha” ou uma menina mais agressiva ser vista como lésbica, atitudes essas discriminatórias. Em cada período histórico e em cada cultura, algumas expressões do masculino e do feminino são dominantes e servem como referência ou modelo, mas há tantas maneiras de ser homem ou mulher quantas são as pessoas. Cada um tem o seu jeito próprio de viver e expressar sua sexualidade. Isso precisa ser entendido e respeitado pelos jovens. (BRASIL)<sup>27</sup>.

Ressalta-se que esta questão é a única referência mencionada pelo documento e direcionada ao professor no intuito de esclarecer as diversas práticas sexuais. A homossexualidade quando apontada anteriormente nos Parâmetros, inferem ao professor a coibir práticas de discriminação e comentar o tema quando as questões forem abordadas entre os alunos.

Quanto ao trabalho relacionado a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, este baseia-se na transmissão de informações sobre as doenças e ações preventivas, além de intervir em práticas discriminatórias em relação aos portadores do vírus HIV.

Como é possível observar, o programa de conteúdos e propostas curriculares trazidas pelo PCN é pouco eficiente na articulação das abordagens remetidas a diversidade sexual, visto que aprofunda-se conceitos de anatomia e doenças sexualmente transmissíveis, não havendo entre os conteúdos trabalhados determinações ao estudo de diferentes opções sexuais e reconhecimento da diversidade sexual. Quando contextualizadas no documento, são pontuadas com menor relevância e à associação do tema a polêmica.

Considerando as diferenças de gêneros que atualmente está sendo bastante discutida a maior polêmica do momento são os Transgêneros – como são chamados os indivíduos que nascem com o sexo feminino mas se sentem pertencentes ao gênero masculino, ou ao contrário. A psicóloga Kristina Olson destaca que pessoas transgênero sempre existiram ao longo da história, muitos adultos já se sentiam diferentes referentes ao sexo materno, só não sabiam a palavra certa para expressar o que sentiam. ( VEJA, São Paulo, p.13,23 agost. 2017).

Antigamente, crianças com essas características transgêneros eram geralmente ignoradas e extremamente proibidas de mostrar sua identidade ou se mostrassem eram punidas severamente. Ao se consultarem com terapeutas recomendava que escondesse os seus sentimentos. Até pouco tempo atrás pessoas transgêneros não se assumiam antes da idade adulta.

---

27BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2000.

A dificuldade de inclusão da Orientação Sexual em âmbito escolar pode ser compreendida principalmente pela maneira como foram organizados os currículos escolares, da continuidade de práticas educativas vinculadas a lógicas heterossexistas e pôr fim ao desconforto dos profissionais de educação frente ao tema.

Daí a necessidade do preparo do professor para o trabalho com o tema educação sexual e a orientação sexual mediante investimentos na formação do profissional durante a graduação, bem como na formação continuada e, sobretudo, na incorporação desses conteúdos na estrutura curricular, como também nos livros didáticos.

Isto posto, pretende-se discutir a seguir, como se trabalhar com a orientação sexual no contexto escolar além da formação do docente na área, visto que a escola é a responsável por mediar a aprendizagem desses conceitos livres de esteriótipos, auxiliando também a sociedade na construção do respeito à diversidade sexual.



## **CAPÍTULO 3**

### **ORIENTAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR E A PREPARAÇÃO DO DOCENTE**

Embora haja uma gama de possibilidades sobre as maneiras de como desenvolver temáticas relacionadas a sexualidade em sala de aula, esse assunto ainda é tratado de forma bastante limitada, por se configurar ainda hoje como tabu, começando dentro das casas e se estendendo às salas de aula, devido a maioria dos professores ainda não terem a devida formação para abordar esse tema, são também poucos os que se propõem a falar abertamente com os alunos sobre esse assunto. As escolas, por sua vez, dão pouca ou nenhuma importância sobre a abordagem da sexualidade em sala de aula, e não oferecem suporte necessário aos educadores para trabalharem sobre a sexualidade no interior das escolas, onde se faz necessário maior abertura para abordar o referido tema. Dessa forma, a escola deve oferecer suporte para que seja desenvolvida uma ação orientadora e reflexiva na abordagem da sexualidade em sala de aula.

#### **3.1 Principais dificuldades enfrentadas pelos professores na abordagem da sexualidade na sala de aula**

Hoje em dia, embora tenha havido uma disseminação de ideias, informações e teorias sobre a sexualidade abordada em sala de aula, ainda não se discute de maneira que haja uma melhor compreensão sobre esse tema. Esse assunto continua sendo tratado com certo receio, seja pela falta de preparo de alguns professores, seja pela falta de abertura que alguns jovens têm para falar de determinados assuntos.

É de grande importância a abordagem da sexualidade e relações de gênero em sala de aula, para que se possa compreender melhor sobre como esses jovens estão sendo ajudados no sentido de obter informações que possam contribuir na sua formação intelectual referente a sua sexualidade e construção da identidade sexual. A escola enquanto espaço sexualizado e generificado (LOURO, 2000), como qualquer outra instância social, deve contribuir para discussão de questões relacionadas a sexualidade. Sendo que, a formação docente é de suma importância no aprimoramento de conhecimentos, levando o professor à consciência e a responsabilidade pelo ensino e pela aprendizagem dos alunos e articulando meios que desenvolvam o senso crítico aos assuntos propostos em sala de aula.

Para que essa prática tenha sucesso, é preciso conhecer a realidade do processo ensino-aprendizagem e que a escola incorpore em seu currículo as diferentes linguagens, bem como analisar a estrutura, o desempenho dos alunos, os conteúdos a serem ministrados, e a interação entre escola, comunidade e família.

Na fase da adolescência na qual estão se manifestando os primeiros desejos sexuais há também uma grande dificuldade de muitos jovens na compreensão de sua própria identidade sexual. Eles estão na fase de descoberta de si mesmos, e é aí aonde surge a maioria das dúvidas referentes às suas próprias descobertas. Sendo que essa temática é de extrema contribuição por ajudar a entender melhor o assunto que está presente no cotidiano e que muitas vezes passa despercebida pela falta de um olhar mais sensível voltado a esse tipo de assunto, como também servirá de suporte a outros tipos de estudos voltados a essa mesma temática constituindo uma pluralidade na aprendizagem em sala de aula.

### **3.2 Sexualidade como construção histórica no contexto social escolar**

O estudo sobre o conceito de gênero e sexualidade colocado pela autora Louro (2000) ressalta a maneira de como são tratadas e construídas as identidades sexuais de gênero a partir de uma visão preconceituosa da sociedade no que se refere às várias identidades sexuais construídas ao longo do tempo em diferentes grupos sociais. Identidades essas que se contrapõem ao que as sociedades muitas vezes marginalizam por não estarem dentro dos padrões estabelecidos por elas mesmas.

Os principais temas abordados e estudados por Louro (2000), sobre sexualidade e gênero a partir do seu contexto social são as maneiras de como são construídas e idealizadas as identidades sexuais em que a heterossexualidade é colocada de forma hegemônica<sup>28</sup> e a partir daí estabelecidos padrões de comportamento social. Segundo a autora, o gênero era erroneamente compreendido de forma distinta da sexualidade, pois de acordo com ela o conceito de gênero e sexualidade deve ser compreendido como construção histórica, pelo fato de as identidades sexuais de cada um fazerem parte de uma construção a partir de modelos estabelecidos pela sociedade que a cada dia valoriza mais a exposição do corpo como uma referência de si próprio.

Louro ressalta também a importância que é atribuída ao corpo visto como um instrumento de exposição, sendo a todo tempo modificado de modo a adequá-lo aos critérios

---

<sup>28</sup> Supremacia, domínio, poder que algo ou alguém exerce em relação aos demais.

estéticos de acordo com as imposições culturais em meio a diferentes grupos sociais em que convivem e que constantemente são modificadas e assim a sociedade cada vez mais julga as pessoas pela aparência. Nesta perspectiva é importante evidenciar que:

Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas de como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (LOURO, 2000, p.15).

Dessa forma, cabe à escola contribuir para a desconstrução dessas ideias impostas pela sociedade e que a cada dia se constitui como fator contribuinte para representações sociais no sentido de adquirir novas formas de comportamentos para que sejam aceitos em determinados grupos sociais.

A sexualidade pode ser abordada por diversos aspectos, dada sua complexidade e importância em todas as dimensões da vida humana. Ao longo dos últimos séculos, os códigos e valores ligados ao sexo, ao comportamento sexual coincidem com as transformações econômico-sociais e políticas em que o mundo vem passando. É observado que a sexualidade humana e mesmo a anatomia sexual fazem parte da herança biológica do homem, nesse sentido o sexo é anterior ao aparecimento do homem e, portanto, não foi por ele inventado (TREVISAN, 2008).

O ato físico ou ato sexual ao longo dos anos transformou-se em uma área básica para a moralidade e até mesmo para a forma de organização das sociedades. Como pontua Gregersen (1983, p. 3): “Numa distância ainda maior da biologia, ele gerou temas que passam através da religião e da arte e assim participa de sistemas simbólicos excessivamente complexos.” De uma maneira de adaptação biológica em todas as culturas humanas, o sexo evoluiu para se tornar um referencial de códigos sociais e até mesmo morais. Em sua complexidade, articula dois eixos totalmente diferentes da vida humana: um individual e outro coletivo. De um lado, é o componente na qual libido, pulsões, desejos, prazeres e desprazeres interatuam, num contexto de profunda intimidade. De outro lado, é elemento regulador da economia e da política, uma vez que está inscrito na dimensão da sexualidade o aspecto da reprodução e do crescimento da população, cujos efeitos atingem a sociedade de modo significativo (MURARO, 1983, p. 21).

É precisamente em sua dimensão social que a sexualidade adquire seu caráter de maior impacto. Frequentemente está associada aos valores morais que, por sua vez, determinam comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. “As

relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes” (NUNES, 1987, p. 15). Para Foucault (1985, p. 98), compreender a sexualidade, em sua complexidade, presume enxergá-la também como “um produto das densas relações de poder: entre homens e mulheres, pais e filhos, educadores e alunos, padres e leigos e assim por diante”. Nas relações de poder, a sexualidade é, segundo o autor, um elemento dotado de instrumentalidade. Pode ser usado em inúmeras manobras, nas relações sociais, bem como pode tornar-se útil na articulação das mais variadas estratégias.

A sexualidade é um universo que precisa ser entendido como um conjunto de atividades, posturas, opções, modos de vida, subjetividade e alteridade, resultantes das relações sociais. É preciso que se busque uma compreensão processual da sexualidade, não se pode falar de sexualidade de modo fragmentado, apartado e estanque, abordar a sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos, a exemplo a história, a antropologia, o moral e a evolução social. Compreendendo a sexualidade como construção histórico-social e cultural, caberia trazer aqui uma reflexão sobre a identidade desses sujeitos sexuais. Trabalhar com a orientação sexual por parte dos educadores talvez tenha alguns percalços da ordem identitária que foram denominadas por Perrusi (2003, p. 93) como eixos centrais da identidade,

[...] ligados aos aspectos psicológicos e psicossociais (...) em que a “construção do eu” é entendida como uma interiorização e uma internalização do social para o indivíduo... a identidade, assim, seria fruto da socialização experimentada pelo indivíduo no meio social... e o eixo que enfatiza os aspectos coletivos... A identidade é vista como “coletiva”, “social”, “cultural”, de “classe”, sendo formada por um processo de incorporação... geralmente de valores funcional, de integração social ou de resistência coletiva ao sistema social” (grifo do autor).

Diante dessa premissa, pode-se inferir que a construção de uma moderna identidade teria uma associação direta com as formas em que os educadores construíram seus referenciais de vida, incluindo aqui os conceitos sobre sexualidade. Para a abordagem da orientação sexual nas escolas pelos educadores talvez deva haver uma desconstrução de suas identidades previamente auto referidas, um passeio pela sua subjetividade, uma viagem dentro do que se é.

### 3.3 A contribuição da escola como orientadora na construção das identidades sexuais

A escola sente grande dificuldade em abordar a temática da sexualidade em sala de aula. Na maioria das vezes esse tema é tratado apenas como fator biológico, trazendo informações superficiais e que não despertam o interesse por parte dos alunos. Por outro lado, são poucos os professores que se disponibilizam para tratar sobre esse assunto de maneira que possa trazer informações relevantes aos jovens, no sentido de instruir sobre suas dúvidas com relação a sexualidade.

Considerando que muitos jovens obtêm muitas informações sobre sexo através de amigos e também da mídia, contudo, são informações distorcidas incompletas, muitas vezes acompanhadas de uma visão promíscua e obscena a respeito do sexo e que não agrega nenhum valor moral. Daí a necessidade da contribuição escolar em uma perspectiva orientadora sobre os educandos para que estes compreendam a sexualidade de uma forma responsável e esclarecedora, pois informações apenas não bastam, é preciso educar.

Desde os anos 90, devido aos altos números de gravidez na adolescência e também da contaminação pelo vírus HIV, já se via a necessidade por parte de algumas escolas de uma disciplina voltada à sexualidade. Mesmo que no início houvesse forte resistência por parte dos pais com relação a abordagem da educação sexual na escola, com o tempo reconheceram não só sua importância mas também as dificuldades que estes encontram para tratar sobre esse assunto dentro de casa (BRASIL, 1997).

Segundo Sayão (1997, p.101), “são os professores que terão que contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade, isto devido a proximidade entre professor e aluno no contexto escolar”. Sendo que, a partir de 1997, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), seria introduzida de maneira articulada com as outras disciplinas uma abordagem sobre a sexualidade. No entanto, essa abordagem orientaria os alunos apenas do ponto de vista biológico, o que não seria significativa em meio a tantas dúvidas que permeiam as expectativas dos alunos em relação as suas identidades sexuais.

Por outro lado, segundo Louro, (2008) a escola contribui de maneira ativa na caracterização dos comportamentos atribuídos ao gênero, incentivando de várias maneiras e moldando os alunos a partir de uma perspectiva conservadora e preconceituosa no que diz respeito a sua sexualidade. Ao tentarem manifestar a sexualidade de alguma forma ou expor seus questionamentos ou estilos próprios seja em forma de comportamento ou na maneira de

se vestir, estes são vistos como desordeiros e desviantes do comportamento considerado normal para a escola.

Dessa forma, ao invés de instruir na construção do conhecimento, como se propõe a escola, esta acaba direcionando o pensamento desses educandos a partir de seu próprio conceito do que seja considerado normal sobre as identidades sexuais. Primeiramente em atitudes que muitas vezes passam despercebidas aos olhos de muitas pessoas, pois as práticas de pequenas ações a partir da divisão de tarefas adequadas ao gênero devido a ideia que se criou sobre uma suposta fragilidade biológica assim também como a atribuição de cores caracterizando meninos e meninas entre outras coisas, contribuindo e muito na construção das diferenças dentro do ambiente escolar. Por outro lado, a escola trata a educação sexual apenas do ponto de vista biológico, fazendo com que os educandos entendam a sexualidade em um corpo inerte, livre de sensações e sentimentos, distanciando-se do conceito primordial que seria a compreensão da construção das identidades sexuais.

Nessa direção as escolas podem ser um exemplo de instituição em que se reitera constantemente, aquilo que é definido como norma central, já que norteiam seus currículos e suas práticas a partir de um padrão único: “haveria apenas um modo adequado de masculinidade e feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desses padrões significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2008, p.2).

Cabe à escola, como promotora da educação e conseqüentemente de uma visão mais clara das coisas, na desconstrução das diferenças a partir de atitudes que possibilitem uma maior interação tanto dos gêneros como de outros grupos considerados “diferentes”, para que a partir daí as hierarquias sejam rompidas possibilitando maior abrangência de vários outros grupos étnicos, sociais, sexuais etc. Nesse sentido:

A sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura. Nessa ótica, as identidades sexuais deixam de ser concebidas como meros resultantes de “imperativos biológicos” e passam a ser entendidas como constituídas nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais. (LOURO, 2000, p.67).

Vale salientar que a formação docente é de suma importância no aprimoramento de conhecimentos voltados a educação sexual para que possibilite os educandos a desenvolverem uma visão crítica referente a identidade sexual de cada indivíduo. Possibilitando assim, uma formação livre de preconceitos e tabus que ao invés de direcionar o conhecimento, este amplia a visão facilitando uma interação com o meio social em que está inserido.

Dessa forma a escola deve sim tentar desmistificar o pensamento construído pela sociedade sobre a hegemonia da heterossexualidade, tentando incluir os que desse padrão de comportamento são marginalizados pela sociedade. Entendendo que a escola deve contribuir com as discussões de questões relacionadas a sexualidade e relações de gênero nas diversas disciplinas e, ao longo de todas as propostas pedagógicas da escola, pois a mesma temática está presente no currículo escolar.

### **3.4 Relação Família e Escola no Processo de Orientação Sexual da Criança**

Segundo Silvaes (2002), pesquisas atuais mostram que há evidências de que as crianças não entendem totalmente vários aspectos ligados à sexualidade a despeito de se envolverem em uma diversidade de condutas sexuais. Portanto, fornecer informações sexuais para as crianças torna-as mais aptas para realizar decisões responsáveis no que diz respeito à sua própria conduta sexual. Para ocorrer uma transformação nas atitudes das crianças em relação à sexualidade, é preciso levar em consideração o modo como a educação sexual é abordada, tanto com os familiares quanto com a escola. Os pais precisam tratar os assuntos mais individuais e profundos, já a escola deve trabalhar de maneira geral e superficial, tratando assuntos de cunho social e convívio entre ambos os sexos. Desta forma, pais e escola necessitam trabalhar em conjunto, de modo a auxiliar o enfrentamento das crianças ante tais questões (VILELAS JANEIRO, 2008).

Segundo Suplicy (1983), muitos pais acreditam que a educação sexual tem o sentido exclusivamente do aluno sentar e assistir a aulas de anatomia ou realizar discussões que abordam sobre os perigos da sexualidade. Este significado atribuído pelos pais é enganoso, pois a educação sexual acontece desde o nascimento da criança, aonde ela vai absorvendo informações de seu meio. Pode-se dizer que a maioria dos conhecimentos passados pelos pais são indiretos, ou seja, eles não tem conhecimento de que o fazem, e assim o sujeito constrói a sua percepção sobre a sexualidade (Suplicy 1983). Para Muller (2013), depois do nascimento da criança, os pais são os principais exemplos, tornando-se os primeiros e fundamentais educadores sexuais de seus filhos. O ambiente familiar deve ser um lugar aberto, por mais complexa que seja a conversa, em específico sobre temas tão tabus como a sexualidade, é de grande importância que os filhos sintam-se encorajados a conversar sobre o tema, trazendo seus dilemas, dúvidas e expectativas. O ambiente familiar precisa ser o porto seguro da criança, para que a mesma tenha um local para recorrer sempre que necessário. Para Ribeiro (2009), é fundamental que a família seja um ambiente de discussão e de

desenvolvimento mútuos, sendo capazes de iniciar conversas, trocas de experiências e resolver conflitos sem violência.

No início, quando surgiu a necessidade da temática ser discutida, acreditava-se que os pais apresentavam resistências à orientação sexual no âmbito escolar, contudo sabe-se que atualmente os pais reivindicam a abordagem do tema, não só reconhecendo a sua importância para as crianças e jovens, como também a dificuldade encontrada em falar claramente a respeito do assunto em casa (BRASIL, 2000). Desta forma, a escola teria como objetivo passar informações concretas a respeito da sexualidade e esclarecer as distorções aprendidas pelas crianças.

É esperado que a educação sexual transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando a percepção do mundo do aluno, e ajudando-o a aprofundar e refletir sobre suas opiniões (SUPLICY, 1983). Para Ribeiro (2009), só informar não basta, é preciso apresentar atitudes positivas em relação ao sexo, para que as crianças possam perceber a sexualidade como algo positivo.

As curiosidades das crianças sobre sexualidade são assuntos extremamente significativos, onde podem obter um conhecimento básico sobre as origens de cada um, criando um desejo de saber mais, e, assim, aparecem as suas dúvidas. Respostas para tais curiosidades colaboram para o esclarecimento, incentivando de forma positiva o desenvolvimento da criança ao longo da vida. Mas se ela não obtiver respostas apropriadas para as suas curiosidades, pode sentir ansiedade e tensão.

A Instituição, portanto, deve oferecer um espaço que tenha a finalidade de esclarecer dúvidas, contribuindo para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem na aprendizagem dos conteúdos escolares transmitidos (BRASIL, 2000). Para Muller (2013), uma educação sexual de qualidade é aquela que pode originar constantes reflexões sobre temas coletivos ou individuais. A escola deve ter uma visão aberta sobre as experiências vividas pelos alunos, com a finalidade de desenvolver a busca de informações. É necessário que se reconheça que a sexualidade na educação é vinculada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, associando-se às diferentes dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. Portanto, o trabalho da orientação sexual dentro das instituições é da promoção da saúde das crianças (BRASIL, 2000).

Ao falar de sexualidade na Educação Infantil, o educador deverá estar atento a muitas questões, pois o assunto abrange muitos preconceitos, tabus e crenças. Além disso, a sexualidade é entendida como algo inerente ao ser humano, que se manifesta a partir do nascimento e vai até o momento da morte, apresentando diferentes formas, de acordo com



cada etapa do desenvolvimento. Deste modo, a sexualidade infantil irá se desenvolver a partir dos primeiros dias de vida e irá se manifestar de maneiras diferentes em todo período da infância. Portanto, a sexualidade, assim como a inteligência, será construída desde as suas possibilidades pessoais até a sua interação com o meio social e cultural (BRASIL, 2000).

Segundo Silves (2002), determinados comportamentos começam a ser vistos em crianças com a faixa etária entre 3 a 5 anos, como tirar roupa em público, brincadeiras sexuais com amigos de sala, masturbar-se por prazer, uso de termos vulgares, mesmo sabendo os nomes corretos das partes do corpo e introduzir objetos nas aberturas do corpo. No entanto, para que a Orientação Sexual aconteça no ambiente escolar, é indispensável que os valores, dúvidas e questionamentos possam ser expressos por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir informações. Dessa forma, a criança conseguirá modificar e reafirmar pontos de vistas e princípios estabelecendo de modo significativo seu próprio código de valores (BRASIL, 2000).

A educação sexual nas instituições deve ser pautada no diálogo sobre o tema abordado, por meio de professores capacitados para exercer a tarefa formativa e informativa, com objetivo de transmitir às crianças informações biológicas corretas sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que acentua ao conceito do sexo ligado nos aspectos do afeto e do prazer (SUPLICY, 1983).

### **3.5 A influência da família na construção da sexualidade**

No contexto familiar o tema sexualidade ainda encontra-se imerso em tabus e princípios morais fortemente enraizados gerando problemas e/ou dificuldades para a ampliação de espaços de diálogo entre pais e filhos. Muitas vezes, questões ou obstáculos de ordem sexual são construídos, desenvolvidos e perpetuados devido à influência da educação sexual recebida pela família de origem. Tal educação, transmitida e recebida na família, de geração em geração, está impregnada por fatores que costumam trazer consequências marcantes para o comportamento e sexualidade de seus integrantes, visto que em alguns ambientes familiares as manifestações de sexualidade dos seus membros são contidas por meio de atitudes repressoras ou até mesmo através da omissão. A família que acolhe e provém o sustento e o desenvolvimento do indivíduo é a mesma que reprime e pune as manifestações sexuais, apontando o sexo como algo errado e proibido. Expressões como “sexo é errado”, “não quero que você namore”, “você não devia pensar nessas coisas” são alguns exemplos de

como a educação sexual vem sendo empregada nos mais variados contextos familiares. A esse respeito é importante atentar para,

A visão negativa da sexualidade, ligando-a ao pecado, a vergonha, as doenças e a infelicidade, tem sido um dos principais obstáculos ao desenvolvimento harmonioso e prazeroso da vida sexual. Quando os adultos exercem forte repressão sobre as atividades exploratórias da infância e da adolescência, a evolução afetiva e sexual pode vir acompanhada por um aprendizado exagerado de autocontrole. As crianças crescem pensando que o tema da sexualidade não deve ser tratado com adultos e que os órgãos sexuais e as sensações ligadas a eles são causa de vergonha e culpa. (OLIVEIRA & DIAZ 1998. P.124).

Frente à insegurança em relação à sexualidade, muitas famílias optam por atitudes repressoras para tentar conter as dúvidas e ansiedades de seus integrantes. Contudo, tais atitudes não amenizam os anseios e emoções dos filhos sobre as questões inerentes a sexualidade, causando comportamentos e atitudes que podem trazer sérias consequências a vida sexual destes indivíduos, a exemplo de uma gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis ou bloqueios de ordem sexual devido à falta de diálogo e de interação com os pais.

A omissão também se constitui em outro instrumento utilizado pela família para lidar com as questões referentes à sexualidade. Em muitos contextos familiares, não se fala sobre sexo e até mesmo este não parece existir ou fazer parte da condição humana. Por falta de conhecimento suficiente ou por insegurança, muitos pais preferem não dialogar com seus filhos sobre o tema. Os estudiosos Oliveira & Diaz (1998, p. 114), ressaltam que: “A omissão do adulto, a negação da sexualidade na infância e a falta de diálogo tem deixado essa área descoberta de uma ação educativa eficaz.” A omissão dificulta a abertura de espaços de diálogo reduzindo a compreensão do tema e perpetuando dúvidas e questões a serem elucidadas<sup>29</sup> por pais e filhos.

A maioria dos pais encontra-se cercado por muitas dúvidas sobre a maneira de se portar em relação à sexualidade dos filhos, pois os genitores, em grande parte, advêm de uma geração repressora, cujos valores eram mantidos como absolutos e inquestionáveis. Tal realidade faz com que estes se sintam desconfortáveis e inseguros com as demandas de seus filhos e, em última instância, acabem reproduzindo os valores que lhes foram impostos por outras gerações que, por sua vez, não contemplam as questões atuais e geram mais dúvidas e insatisfação entre pais e filhos.

---

<sup>29</sup> Tornar compreensível, tornar clara uma informação para que se tenha um bom entendimento e não deixe dúvidas.

Os tempos mudaram e com eles novos valores estão sendo construídos. É inegável o crescimento da liberdade sexual, o enfraquecimento do patriarcalismo, o declínio das formas tradicionais de família, os novos arranjos familiares e as transformações tecnológicas ocorridas na farmacologia e na medicina objetivando o controle da reprodução humana. Todos esses fatores requerem uma mudança de comportamento acerca da educação sexual empregada nos contextos familiares e nas escolas. A difusão de novas ideias trazidas pela globalização, a influência da mídia e de outros meios de informação estimulam a sexualidade precoce e proporcionam ao indivíduo um maior contato com tais questões demandando assim, um maior entendimento e esclarecimento desses fenômenos.

As mudanças provenientes dos novos paradigmas acarretaram em uma saída do modelo tradicional repressivo de orientação sexual, que se fundamentava na proibição para o modelo permissivo em que tudo é lícito. O modelo tradicional constitui sua atuação na força moral, religiosa e cultural no qual a reprodução é o objetivo da sexualidade, sendo a única função feminina, a de reprodutora. A atividade sexual nessa visão é considerada suja, pecado e doença. Agora o modelo predominante é o permissivo, tendo como bases o erótico, o corpo e o prazer. Contudo, mesmo diante desta mudança, a falta de conscientização acerca da sexualidade prevalece.

Os jovens estão virando prisioneiros da própria liberdade, com angústias por não alcançarem o ideal distorcido de sexo que estão aprendendo. Tanta insegurança os leva a cometer erros mais facilmente, como esquecer de usar o preservativo. No caso das meninas, é comum que procurem o médico apenas três anos depois do início da atividade sexual. Geralmente por suspeita de gravidez (REVISTA ISTO É. Abril/2009, p. 98).

De acordo com dados do Ministério da Saúde, de 1996 a 2006 o percentual de garotas que perderam a virgindade até os 15 anos saltou de 11% para 33%. Nesta mesma faixa, 47% dos meninos já tiveram sua iniciação. Segundo a revista Isto é, “a erotização está começando cada vez mais cedo e de forma intensa; a fase de experimentação começa mais cedo e tudo é permitido”. Diante disso observa-se uma marcante transformação ligada aos valores relativos à sexualidade. Nesse contexto, os meios de comunicação exercem forte influência através do excesso de estímulo sexual sem oferecer a menor noção de segurança e proteção sexual.

As atuais transformações trouxeram novas perspectivas acerca da sexualidade; entretanto, não ampliou de forma satisfatória o esclarecimento e a consciência das questões sexuais. A erotização e o contato prematuro das novas gerações com a sexualidade é uma realidade que se configura através da conjunção de fatores como a dificuldade dos pais em

estabelecer limites, falta de orientação sexual eficiente nas escolas e uma cultura de massa extremamente erotizada. Conforme a mesma revista, “ainda que família e a escola se esforcem, uma cultura popular recheada de apelos sexuais complica a situação. Letras de música, filmes, novelas, seriados de tevê apimentados permeiam o cotidiano de crianças e adolescentes” (ISTO É. abril, 2009, p. 97). Contudo, mesmo perante as transformações ocorridas na atualidade referente aos comportamentos sexuais, muitos pais continuam mantendo a repressão da sexualidade dos filhos, reproduzindo o modelo ideal de comportamento sexual, exercendo uma forte influência na construção da sexualidade dos mesmos.

A família que está envolvida no processo de educação sexual do indivíduo desde a sua concepção deve iniciar tal processo a partir do nascimento da criança. Cunha (2006, p.32) sugere que “a educação sexualizada inicia-se nos primeiros momentos da vida da criança, ou talvez antes, ainda na concepção. Acariciá-la, beijá-la, abraçá-la, massageá-la vai proporcionar-lhe prazer e ensinar-lhe as melhores sensações e as melhores coisas da vida”. Assim, o processo de educação sexual é responsabilidade primária da família e sua influência é importante na construção sexual do sujeito.

É de suma importância a superação dos modelos tradicionais e repressores de educação sexual no contexto familiar, bem como o enfrentamento da sexualidade precoce para que se possa criar novos espaços de diálogo entre pais e filhos baseados em valores que proporcionem discutir o prazer e a responsabilidade na vida sexual. Seria interessante que a educação sexual não fosse empregada através de formas rígidas ou autoritárias nem com a ausência total de limites, mas sim de modo que respeitasse as etapas de desenvolvimento do ser humano pautada no entendimento de que o sexo é algo inerente a este processo.

### **3.6 O papel do gestor escolar no trabalho de orientação sexual**

As constantes mudanças sociais ocorridas no mundo indicam que a escola deve contemplar as exigências impostas pelas novas demandas da sociedade. Atualmente, as organizações escolares deparam-se com várias transformações e desafios que exigem posturas educativas inovadoras, trabalho coletivo e novas práticas pedagógicas. Nesse contexto, o desempenho do gestor escolar deve estar em sintonia com os novos padrões sociais através de ações que envolvam não só os aspectos organizacionais e operativos, mas também as dimensões pedagógicas e psicossociais do processo de ensino. De acordo com Penin & Vieira (2002, p.13), “a escola sofre mudanças de acordo com os momentos históricos, sempre que a

sociedade defronta-se com mudanças significativas em suas bases sociais e tecnológicas, novas atribuições são exigidas da escola”. Frente a estas mudanças, a atuação do gestor é de suma importância na articulação da equipe escolar em prol de um trabalho escolar que atenda as demandas atuais.

As transformações também influenciaram os valores ligados à sexualidade, a exemplo dos novos arranjos familiares e das diferentes opções sexuais, observando-se ainda a evidência do número de crianças que sofrem abuso sexual, da gravidez na adolescência e do avanço das DST's. Perante esta realidade, o papel do gestor escolar não deve restringir-se ao gerenciamento administrativo e financeiro nem apenas a coordenação e controle de pessoal. O gestor também deve ser um líder pedagógico, apoiando o estabelecimento das prioridades, avaliando, planejando, organizando, participando dos programas de qualificação de professores e funcionários, enfatizando a importância dos resultados alcançados pelos alunos. O mesmo deve criar um clima positivo e ser eficaz para solucionar conflitos, visando o aprimoramento contínuo dos trabalhos escolares.

O gestor escolar atual deve reunir competências e habilidades que ajudem a estabelecer objetivos claros, bem como os meios necessários para alcançá-los, encorajando os professores e auxiliando-os na descoberta de recursos necessários para que realizem um bom trabalho através de ações coletivas e participativas que envolvam a gestão e todo o corpo docente. Um gestor eficiente é capaz de desenvolver o potencial de trabalho de toda sua equipe, fazendo com que sintam-se capazes de transformar e realizar com sucesso todos os projetos desenvolvidos pela instituição de ensino, inclusive ações e alternativas para o trabalho de orientação sexual na unidade.

As escolas bem dirigidas possuem uma cultura de reforço mútuo que envolve confiança, interação entre funcionários e participação coletiva na construção de objetivos pedagógicos e curriculares. Deste modo, criar condições para a troca de informações profissionais entre educadores e aumentar a integração entre eles faz parte dos esforços em prol de um clima organizacional satisfatório. A esse respeito é importante salientar que:

Os dirigentes da escola ao redor do mundo estão descobrindo que os modelos convencionais de liderança não são mais adequados. As escolas necessitam de líderes capazes de trabalhar e facilitar a resolução de problemas em grupo, capazes de trabalhar junto com os professores e colegas, ajudando-os a identificar suas necessidades de capacitação e adquirir as habilidades necessárias e ainda serem capazes de ouvir o que os outros têm a dizer, delegar autoridade e dividir o poder. (LUCK 1998, p.34).

Ante estas demandas, os dirigentes escolares não podem restringir suas ações unicamente as funções administrativas. Seu papel é promover um clima organizacional que favoreça um trabalho coletivo de trocas e interação formando um consenso sobre os valores e metas a serem alcançados. Neste contexto favorável, o gestor pode implantar alternativas para o trabalho de orientação sexual de modo que o mesmo não fique apenas a cargo dos professores, através das aulas de ciências. A escola não pode se omitir diante da relevância da sexualidade, visto que a mesma é parte integrante do desenvolvimento global do indivíduo.

A articulação da equipe escolar pelo gestor para o planejamento das atividades de orientação sexual na unidade é de fundamental importância. A inclusão da sexualidade no currículo escolar demanda, inicialmente, a criação de um espaço de discussões e debates voltado para a preparação da equipe docente responsável pelo trabalho desta temática no contexto escolar. Neste espaço, os próprios educadores poderão refletir sobre as questões ligadas a sexualidade revendo seus preconceitos e tabus, bem como diversificando o conhecimento sobre o tema através de pesquisas bibliográficas e da busca de experiências com outros profissionais da área de educação e de outras áreas do conhecimento, tais como: medicina, psicologia, sociologia, entre outros.

A preparação e qualificação da equipe escolar para o trabalho com a orientação sexual pode possibilitar também a parceria com os pais a fim de mostrar a importância desta ação na unidade de ensino. Certamente surgirão aqueles que poderão supor que ao tocar neste assunto o educador estará antecipando o início da vida sexual do aluno ou que o tema não é apropriado para o contexto escolar. Diante disto, o gestor e sua equipe poderão identificar as manifestações mais comuns a cada faixa etária e mostrar as ações previstas para lidar com elas.

A orientação sexual no contexto escolar é responsabilidade de todo o corpo de educadores. O gestor neste contexto é uma peça chave para a implantação de alternativas que contemplem as necessidades dos educandos e envolva todo o corpo escolar através de um trabalho coletivo e eficaz. A imagem do gestor escolar simplesmente como um gerenciador administrativo encontra-se ultrapassada frente às exigências atuais.

O desenvolvimento de uma orientação sexual efetiva e sistemática no contexto escolar é possível. Contudo, a execução desta tarefa depende de um bom planejamento e principalmente da preparação dos educadores. Para tal faz-se necessário a ampliação contínua do espaço de diálogo para que os educadores possam trocar experiências pedagógicas, assim como a criação de projetos e ações específicas para a abordagem da sexualidade, não apenas pelo viés biológico, mas também contemplando as dimensões sociais, culturais e afetivas

inerentes à mesma. Neste sentido a atuação gestora é primordial na condução desse trabalho e na implementação de alternativas e projetos voltados para essa área.

A execução de um trabalho significativo de orientação sexual na escola torna-se mais fácil com a articulação e a ação coletiva de toda a equipe escolar. Nessa situação o gestor tem uma participação importante como facilitador e provedor de recursos e programas que auxiliem o trabalho pedagógico e conseqüentemente todo o corpo docente. Cabe ao diretor envolver toda a equipe escolar em um processo contínuo de discussões sobre o sentido da orientação sexual no contexto concreto da sociedade atual, transformando a escola num verdadeiro centro de informações, debates e avaliações a respeito das questões referentes à sexualidade, procurando firmar a posição da escola ante aos contínuos desafios. O Gestor, portanto deve estar diariamente comprometido com a unidade escolar e seus educandos empenhando-se na construção de uma imagem positiva de si, dos alunos e da escola, pois a satisfação dos mesmos é o reflexo de um bom trabalho de gestão escolar.

### **3.7 A preparação docente**

Ao longo de muito tempo a sexualidade foi ignorada pelas escolas, os educadores agiam como se seus alunos fossem assexuados<sup>30</sup>, mesmo quando chegavam à puberdade. Assuntos acerca da sexualidade eram evitados para não despertar a curiosidade dos educandos, reproduzindo assim os tabus e os rígidos valores sociais. No Brasil, o ensino sofreu fortes influências da Igreja Católica que, por um longo período, manteve escolas exclusivamente femininas ou masculinas desempenhando um papel determinante nos mecanismos de repressão e omissão de informações sexuais, principalmente aos jovens.

Em meados de 1960 e 1970, o Brasil passou por um período de forte repressão com a tomada de poder pelos militares, que instalaram um clima de moralismo puritano e de censura. A atitude moralista defendida pelo golpe militar de 1964 resultou no bloqueio de alguns projetos defendidos em escolas que forneciam informações sobre educação sexual. Este período repressivo deixou marcas no processo de implantação oficial da educação sexual nas escolas. Apesar de pouco estímulo em relação a alguns projetos, outros seguiram em frente, em colégios particulares, entretanto com pouca divulgação. É importante perceber que,

Nos anos 50 e 60 com a eclosão de movimentos jovens, já não era possível conter a sexualidade. Surgiu então, o que hoje se chama de educação sexual. As primeiras

---

<sup>30</sup> Que não possui ou parece não possuir vida sexual, que não apresenta os órgãos sexuais.

tentativas foram tímidas: o assunto era tratado pelo professor de biologia, que não explicava coisa nenhuma (TIBA, 1994, p.108).

A educação sexual se deparou com diversos obstáculos oriundos de diferentes seguimentos para sua implantação nas escolas brasileiras. Frente à intensificação das demandas sociais, as escolas não conseguiram mais evitar a abertura de espaços em seu âmbito para discussões sobre o tema. Tais espaços foram pleiteados pelos próprios pais, que não se sentiam seguros para tratar de assuntos relativos ao sexo com seus filhos. Diante disto, foi delegada a escola tal responsabilidade sem que a mesma estivesse preparada para dar conta desse papel.

Na década de 1990 intensificaram-se os projetos e trabalhos de educação sexual desenvolvidas nas escolas devido ao grande número de gravidez precoce e o aumento de pessoas infectadas pelo vírus da AIDS. Atualmente, muitos projetos vêm sendo elaborados no Brasil com o intuito de discutir a sexualidade em escolas públicas e privadas. Desde o surgimento da educação sexual nas escolas até os dias atuais, houve várias abordagens e debates até mesmo sobre a própria expressão “educação sexual”, que segundo alguns especialistas caiu em desuso, visto que os mesmos se questionam se é possível educar alguém sexualmente. Atualmente, o conceito mais utilizado é o de “orientação sexual”.

Entretanto, para falar sobre educação sexual/orientação sexual é indispensável conceituá-la sem, contudo, priorizar uma determinada corrente teórica, tendo em vista que tal assunto é complexo e envolve múltiplos entendimentos. Segundo a sexóloga Gilda Fucs<sup>31</sup> (1993, p.201), a educação sexual é “parte da educação geral que transmite os conhecimentos e mensagens necessárias para que o indivíduo possa adquirir atitudes, expressar seus sentimentos e firmar valores que o permitam aceitar e vivenciar a sexualidade própria e dos outros num contexto livre e responsável”. A autora defende uma educação sexual que conscientize, liberte e possibilite o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano criticando os conceitos que restringe essa educação ao ensino biológico do sexo ou como meio de impor, ajustar ou coibir a sexualidade das pessoas. Edgard Orttth compartilha da mesma idéia de Fucs ao tratar a educação sexual como parte essencial da educação, para ele “a educação sexual não pode ser vista de forma dissociada da educação que visa à formação integral do indivíduo, devendo estar integrada a ela” (ORTTH, 1996, p.8).

Outros autores também trazem contribuições significativas acerca do assunto. Apesar da existência de desacordos sobre a natureza e a identidade do que seja a educação sexual,

---

<sup>31</sup> Doutora Gilda Bacal Fucs Sexólogo na cidade Salvador / ba.



Silva (2006, p.13) entendem que esta expressão significa “um conjunto de processos simbólicos significativos e comportamentais e sócio constitucionais de representação e vivência das identidades e potencialidades sexuais”. Estes autores apoiam ainda uma educação sexual que supere os estereótipos sexuais sendo abordada de forma emancipatória<sup>32</sup>, que segundo eles caracteriza-se por “identificar os estereótipos sexuais e questionar seus fundamentos e representações” (NUNES SILVA<sup>33</sup>). (idem, p. 71).

Embora defendam este tipo de educação sexual, tais autores reconhecem que esse processo seja lento, visto que, a priori, faz-se necessário desconstruir e superar concepções tradicionalistas fruto de determinações históricas. A esse respeito Werebe (1998, p.139) define a educação sexual como “todas as ações deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões e valores ligados a sexualidade.”

Como vimos, o conceito de educação sexual é amplo, dando margem a diversas interpretações, pois ao conceituá-la as pessoas recorrem as suas representações sobre o assunto estando estas, diretamente relacionadas aos seus valores e crenças. Deste modo, a diferenciação dos termos indica significados diferentes. Entretanto como já foi pontuado anteriormente, o termo mais aceito ultimamente é o de orientação sexual, nomenclatura<sup>34</sup> esta, escolhida pelos PCN's devido ao significado que possui no campo educativo.

De acordo com o guia de orientação sexual<sup>35</sup>, a mesma “[...] quando utilizada na área de educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas”. Já a educação sexual, “[...] inclui todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, podendo ser recebida através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia”. Seriam conhecimentos informais passados ao indivíduo por meio dos pais ou por outras fontes através de atitudes e ideias, influenciando o sujeito na construção de conceitos e comportamentos referentes às questões sexuais.

Percebe-se, portanto, a diferença de significados entre as nomenclaturas, sendo a “orientação sexual” o termo mais aceito pelo meio educacional, deixando assim sob responsabilidade dos pais a tarefa de educar sexualmente seus filhos e da escola o de informar

---

<sup>32</sup>Tornar livre e independente.

<sup>33</sup> idem, p. 71

<sup>34</sup> Reunião de termos particulares ou nomeação específica de uma ciência, de uma arte, de um ofício, de uma profissão ou terminologia.

<sup>35</sup> Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 26-27.

e orientar os educados, evidenciando que tanto os pais quanto os educadores possuem uma parcela significativa de responsabilidade na formação e no processo evolutivo do indivíduo.

Apesar dos debates e dos diversos conceitos dados a orientação sexual é notável que a mesma é imprescindível e nenhuma escola pode deixar de abordá-la. A questão não é decidir se trata ou não deste tema ou qual a melhor definição para este, mas sim saber como lidar com o mesmo, pois a sexualidade na escola aparece algumas vezes de forma velada e simbólica e em outras, de forma obscena e discriminatória. O espaço físico, muitas vezes, é usado como mural onde observa-se mensagens escritas em paredes, portas, carteiras e banheiros que não deixam dúvidas sobre a existência de uma sexualidade emergente e das curiosidades ligadas ao tema. Mesmo assim “por vezes a escola realiza o pedido impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela” (BRASIL, 2000, p.113). Atualmente, a maioria das escolas delegam este assunto aos professores sem um maior controle do que é exposto por eles em sala de aula. Diante disto, o conteúdo da educação sexual fica restrito nas mãos dos mesmos, fazendo com que a abordagem pedagógica dependa muito da sua formação docente, o que pode ocorrer à transmissão de pré conceitos aos alunos. Muitos professores necessitam rever a sua sexualidade para poder abordar a temática, pois tendo problemas consigo mesmo em relação à sexualidade, provavelmente em suas aulas, passarão concepções sobre o tema em tom de frustração e inquietação.

Os professores encarregados de educação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Se o lar está falhando neste campo, cabe a escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores (TELES, 1992, p.47).

Os professores também devem evitar emitir seus próprios juízos de valor e opiniões como “verdades inquestionáveis”. Apesar de ser impossível ficar totalmente isento de opinar, é necessário uma permanente atenção para que as questões sejam expostas, refletidas e discutidas sem que apenas uma resposta prevaleça como verdade absoluta. O trabalho desenvolvido pelo professor deve estar pautado em um planejamento sistemático e transformador, visando à promoção do bem estar sexual a partir de valores baseados nos direitos humanos e relacionamentos de igualdade e respeito entre as pessoas.

A educação sexual desenvolvida no contexto escolar deve ter como objetivo empregar professores com um preparo adequado para desempenhar de forma significativa o seu papel, auxiliando os alunos no esclarecimento de suas dúvidas, ansiedades, dificuldades e angústias,

pois, segundo Suplicy (1983, p.23), “a criança chega na escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo”.

A lacuna<sup>36</sup> existente nos currículos dos cursos de formação de professores é um dos entraves para o desenvolvimento de um trabalho sistemático de orientação sexual no contexto escolar. Na formação de professores a grade curricular não contempla um conteúdo específico que aborde profundamente a temática fazendo com que os docentes sintam-se despreparados, passando a tratar o tema em suas aulas por um único aspecto, o das ciências biológicas, reduzindo a orientação sexual ao aparelho reprodutivo em detrimento das dimensões culturais, afetivas e sociais inerentes a sexualidade.

É imprescindível a capacitação e a conscientização do professor sobre o tema, pois o educando, ao chegar ao ambiente escolar, traz consigo características e influências de contextos maiores, diante disso, a aprendizagem do indivíduo só pode ser entendida dentro de situações nas quais está inserido, em contextos como a família e a escola, que por sua vez fazem parte de contextos macros: culturais e sociais.

A aprendizagem é um fenômeno que se realiza através de uma rede de relações na qual estão os valores oriundos das interações familiares e sociais de uma determinada cultura e época. É de suma importância que o professor considere a subjetividade do educando e suas experiências socioculturais e familiares nas situações de aprendizagem, pois a mesma é como uma rede de relações conectada por diversos fatores internos e externos.

Jean Piaget<sup>37</sup> inaugurou o construtivismo ao considerar o conhecimento como sendo construído pelo sujeito ativo e reflexivo, que está em constante transformação com o seu mundo. Desta forma, todo conhecimento supõe uma interação criativa entre sujeito e objeto. As influências de outros pensadores como Vygotsky<sup>38</sup> e Wallon<sup>39</sup>, vêm abrir novas dimensões ao construtivismo. Estas reflexões enfatizam os aspectos culturais, históricos e afetivos que entram em jogo na aprendizagem. Deste modo, o professor, ao trabalhar com a orientação sexual, deve considerar a subjetividade do aluno, suas experiências, seus conhecimentos, valores e crenças adquiridas no âmbito familiar e social. Tais valores podem estar ou não

---

<sup>37</sup> Jean William Fritz Piaget (Neuchâtel, 9 de agosto de 1896 - Genebra, 16 de setembro de 1980) foi um biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica e fundou a Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

<sup>38</sup> Lev Semenovitch Vygotsky, (Orsha, 17 de novembro de 1896 – Moscou, 11 de junho de 1934), foi um psicólogo, proponente da Psicologia cultural-histórica.

<sup>39</sup> Henri Paul Hyacinthe Wallon (França, 15 de junho de 1879 - 1 de dezembro de 1962) foi um filósofo, médico, psicólogo e político francês. Foi neto do político francês Henri-Alexandre Wallon.

carregados de tabus e preconceitos que devem ser trabalhados em sala de aula através de um amplo diálogo e da troca de conhecimentos e experiências com outros indivíduos.

A orientação sexual não se restringe apenas a transmissão de informações sobre sexo, significa também o contato entre pessoas, transmissão de valores, atitudes e comportamentos. É fundamental que os educadores estejam preparados psicologicamente e pedagogicamente para falar sobre o assunto, pois observa-se que, a maioria não possui preparação suficiente e o que sabem está baseado em troca de informações com colegas e em restritas leituras, que se limitam aos aspectos biológicos sem considerar os sentimentos e as emoções envolvidas neste processo.

Falar sobre sexo na escola ainda é motivo de tensão, tanto para alunos quanto para professores. Estes se protegem da ansiedade com dados científicos e os alunos com brincadeiras e gozações. Assim, o diálogo fica bloqueado devido a uma barreira de linguagem. Nessas circunstâncias,

A melhor atitude do professor é tentar esvaziar o conteúdo pornográfico. Em primeiro lugar, é preciso ter acesso aos alunos, saber exatamente como eles tratam a questão. Um bom método é pedir aos alunos que escrevam em papéis com total liberdade, palavras e frases relacionadas ao sexo, sem assinar. [...] Em seguida, o professor lê em voz alta e até escreve na lousa os palavrões, colocando sinônimos. [...] Então se discutem os sinônimos, desde o mais científico até o mais populares, até se chegar a um consenso (TIBA, 1994, P.109).

A forma de trabalho do professor é decisiva para o bom entendimento do assunto e a ampliação do diálogo em sala de aula. Para auxiliar neste processo, os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) abordam a orientação sexual em seus temas transversais trazendo propostas para os trabalhos referentes a este assunto no contexto escolar. A introdução da temática da sexualidade nos currículos foi também instituída pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, que propõe uma abordagem de maneira articulada entre o tema sexualidade e as matérias curriculares tradicionais estabelecendo uma relação entre os conteúdos e as questões pertinentes ao tema.

As indicações dos PCN's (2000, p299) sobre orientação sexual recomendam que “a escola deve abordar diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão” Ainda de acordo com os parâmetros, o trabalho realizado pela escola não substitui nem concorre com a função da família, mas complementa.

A proposta dos PCN's sugere uma ação pedagógica que estimule a reflexão e auto formação do educando, tendo em vista que este trabalho é um complemento da educação

familiar recebida pelo aluno. Nos objetivos gerais os PCN's pontuam que a finalidade do trabalho de orientação sexual é:

[...] Contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade sendo capazes de: [...] respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade; compreender a busca de prazer como um direito; conhecer seu corpo; valorizar e cuidar da sua saúde; identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes; identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos dos outros; proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores, evitar uma gravidez indesejada; tomar decisões responsáveis a respeito da sexualidade. (BRASIL, PCN'S, 2000, p.311).

O trabalho de orientação sexual proposto pelos PCN's sugere uma superação das formas tradicionais, nas quais a sexualidade era orientada unicamente para as funções reprodutivas e remoção dos desejos, dificultando os comportamentos sexuais. Nesta nova concepção, a orientação sexual considera a busca do prazer, os sentimentos e desejos como parte integrante desse processo, valorizando a auto formação e os direitos individuais, bem como o respeito à diversidade e as expressões sexuais.

Os PCN's enfatizam, ainda, a necessidade de uma relação de confiança entre alunos e professores, na qual o educador precisa se mostrar disponível para conversar, abordando a questão de forma direta e esclarecedora, evitando a emissão de opiniões, a fim de que os alunos possam chegar (ou não) as suas próprias conclusões. É fundamental, também, que o educador possua uma formação profissional adequada e consciente para não transmitir informações equivocadas sobre o assunto.

Segundo os PCN, os professores necessitam revisar suas próprias dificuldades diante do tema com questões teóricas, leitura e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens, preparando-se para intervenções práticas diante dos alunos. De acordo com os parâmetros: “a formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre os valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de orientação sexual” (BRASIL, 2000, p. 303). É necessário, portanto que os educadores se preparem efetivamente para abordar o tema de forma adequada, identificando seus próprios valores e comportamentos a fim de evitar a transmissão e a imposição de concepções pessoais.

## CONCLUSÃO

Antes do tema sexualidade ser escolhido pelas pesquisadoras, ou antes delas serem escolhidas por ele, o questionamento era por que um assunto inerente à condição humana e tão evidente na atualidade é, ao mesmo tempo, reprimido e ocultado no interior da família, da escola e da sociedade? Por que evitar falar de sexo se ele é excessivamente estimulado e erotizado pelos meios de comunicação? Estes questionamentos inquietantes fizeram com que a “orientação sexual” fosse nomeada o tema desta pesquisa.

A sexualidade passou por modificações ao longo da história da humanidade e sofreu influências e desgastes de acordo com os contextos históricos que se encontrava porém sempre está relacionada com a política, economia, cultural, sociedade, religião, moral, ética e valores pessoais. Atualmente percebemos o quanto a ciência, tecnologias e os padrões sociais vêm para modificar.

Entretanto, a sexualidade está muito mais conectada com a visão que o indivíduo tem de si mesmo, sua estabilidade emocional, perspectiva da realidade ao seu redor do que simplesmente a reprodução humana nas aulas de biologia. Ela se manifesta na vida do ser humano desde o nascimento até a nossa morte, porém sofrendo influência da cultura, tecnologia, ciência e contexto histórico-social, como já foi citado anteriormente.

A maioria dos pais e responsáveis ainda sentem uma significativa dificuldade de discutir questões relacionadas à sexualidade com seus filhos, porém se preocupam e reconhecem a necessidade de orientarem as crianças e os adolescentes para que consigam viver suas sexualidades de maneira responsável e consciente de seus riscos. Por isso a presença da Orientação Sexual nas escolas se torna uma questão importante e de grande valor para pais, alunos e professores da educação.

A presença da orientação sexual nas escolas é uma demonstração que os temas sexo e sexualidade ainda são tabus em muitas famílias que encontram dificuldade para discutir o assunto de forma livre, consciente e responsável. Uma realidade que pode ser modificada com a execução do trabalho, objetivando tentar alcançar suas metas.

Atualmente esse trabalho não se concretiza nas ações da política educacional de forma positiva e produtiva para os alunos em questão, deixando a desejar o alcance do seu objetivo. Há falta de material adequado, cursos, conferências, congressos, palestras que sirvam como base de conhecimento e preparo para executar o trabalho nas salas de aulas.

Abordar a sexualidade de forma integral contemplando todas as dimensões que dela fazem parte exige dos professores tempo e capacitação, porém como não há uma exigência dos PNCs nem das Diretrizes Curriculares Nacionais para trabalhar a orientação sexual, mas sim uma sugestão para o desenvolvimento do tema, esta tarefa fica comprometida, embora exista uma grande demanda decorrente das transformações sociais atuais ligadas a sexualidade.

A negação da sexualidade no cotidiano escolar é um fato histórico e cultural que se apresenta de forma estrutural e velada através dos tempos. Para que esse quadro possa ser revertido faz-se necessário a implementação de um processo educativo que trate as questões sexuais e suas manifestações sob um aspecto natural, superando os tabus e preconceitos tão comuns a este assunto.

Assim, torna-se necessário que os sistemas de ensino e os cursos de graduação capacitação docente também devem ser priorizadas, na grade curricular dos cursos de formação de professores, que contemplem esta demanda e depois da graduação, através de cursos de aperfeiçoamento que ofereçam conteúdos e espaços para reflexão em prol de uma maior conscientização e entendimento acerca da relevância e dos benefícios desse trabalho.

Os objetivos da pesquisa foram atingidos, uma vez que foram levantados dados históricos sobre o tema sexualidade, desde a antiguidade até os dias atuais, sobre o desenvolvimento sexual nas fases do desenvolvimento e informações relevantes de como o tema deve ser trabalhado no âmbito escolar.

O trabalho foi desenvolvido sobre a ótica de uma abordagem descritiva, qualitativa e bibliográfica, de forma que teve-se acesso a muitas obras de vários autores com assuntos relevantes e significativos sobre o tema.

Falar sobre sexualidade com crianças e adolescentes é essencial para a formação social do indivíduo, uma vez que faz parte de seu comportamento durante toda a vida. A sexualidade é algo inerente a condição humana e não pode deixar de ser abordada na escola, visto que este espaço educativo é responsável pela formação integral do indivíduo e muitas vezes configura-se como único veículo de informação para estes sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2000. 164p.

CARIDADE, Amparo. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997. 122p.

CONSTANTINE, Larry L. MARTINSON, Floyd M. *Sexualidade infantil: novos conceitos, novas perspectivas*. São Paulo: Roca, 1984. 152p.

CUNHA, Maria da Conceição Melo do. *A importância dentro de mim: educação sexualizada de jovens com deficiência mental*. Rio de Janeiro: Funarte, 2002. 167p.

FIORI, Wagner da Rocha. *Teorias do Desenvolvimento - Conceitos fundamentais: modelo psicanalítico*. São Paulo. Cortez, 2003. 92 p.

FIGUEIRÓ, Marcos. *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. 284f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, nov./2001.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade do Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 204p.

FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos*. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 120p.

FUCS, Gilda Bacal. *Por que o sexo é bom? Orientação para todas as idades*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos. 1993. 198 p.

GREGERSEN, Hal. *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. Tradução de Antonio Alberto de Toledo Serra e Edson Ferreira. São Paulo: Livraria Roca, 1983. 187p.



LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2013. 167p.

\_\_\_\_\_. *Gênero e Sexualidade*. As múltiplas “verdades” da contemporaneidade. Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008. 156p.

\_\_\_\_\_. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 145p

\_\_\_\_\_. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 137p.

LÜCK, Heloísa. *A escola participativa: o trabalho do gestor escolar*. Rio de Janeiro: DP&A. 1998. 176p.

MULLER, Laura. *Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais*. São Paulo: Academia do Livro, 2013. 154p.

MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983. 184p.

NUNES, César; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Coleção polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 2006. 175p.

\_\_\_\_\_. *Os pressupostos teóricos da educação sexual*. Campinas: Papyrus, 1987. 132p.

OLIVEIRA, Francisco José Cabral de. DIAZ, Margarita. *Afetividade e sexualidade na educação, um novo olhar*. Belo Horizonte: Secretaria de Educação de Minas Gerais / Fundação Odebrecht, 1998. 54p.

ORTTH, Edgar. *Educação sexual da criança*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 124p.

PENIN, Sônia T. S.; VIEIRA, Sofia L. *Refletindo sobre a função social da escola: Desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 124p.

PERRUSI, Arthur F. de A. *O vazio eternamente a ser preenchido: uma discussão sobre a identidade*. Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais. n. 19. out./2003. p. 91-114.

RIBEIRO, Cláudia. *A Fala da Criança Sobre Sexualidade Humana: o dito, o explícito e o oculto*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996. 145 p.

RIBEIRO, Marcos. *Conversando com seu filho sobre sexo*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2009. 112p.

SEXO CADA VEZ MAIS CEDO. Revista Isto é. São Paulo: Três, n. 148, 28 jun. 2000. 98 p

SAYÃO, Yuri. *Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários*, São Paulo: SUMUS, 1997. 154p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007. 88p

SILVA, Tomaz T. *Identidades terminais*. Petrópolis: Vozes, 1996. 110p.

\_\_\_\_\_. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 112p.

SILVARES, Ernesto. F. M. *Orientação sexual da criança*. Santo André: ESETec, 2002. 120p.

SUPLICY, Marcos. *Educação e orientação sexual*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 145p.

\_\_\_\_\_. *Conversando sobre sexo*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 156p.

TELES, Maria Luíza Silveira. *Educação, a revolução necessária*. Petrópolis: Vozes, 1992. 156p.

TIBA, Içami. *Adolescência o despertar do sexo*. São Paulo: Gente, 1994. 146p.

TREVISAN, Rita. *A sexualidade humana: uma visão histórico-social*. São Paulo: Contexto, 2008. 122p.

VILELAS JANEIRO, Joaquim. *Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola?* *Revista Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre, v. 29, n. 3, p. 382-390, 2008.

WEREBE, Maria José Garcia. *Sexualidade, política e educação*. Campinas: Autores associados, 1998. 176p.

ZORNIG, Silvia Maria Abu. *As teorias infantis na atualidade: algumas reflexões*. *Psicol. Estud.*, Mar 2008, vol.13, n°1, p. 73-77. ISSN 1413-7372. Disponível em <http://scielo.br>. Acesso em 02 de março de 2017.